

Manuel Ângelo Ochôa
EnconVoscoAve - É Bonito o Amor

ÂngeloOchôaI) **Primeiro Único Soneto do Jardim do Luxemburgo**

*Pombos e pombas, que, por todo o mundo,
arrulhais, ante meus pés quase descalços,
a quietude, a mansidão, por tudo haverdes por nada.
Vós, sem voz, eloquentemente dizeis
que não oscile milímetros a íntimo ânimo,
ante a completude haurida plena graça.
Que não vagueie de vãos afãs, antes sossegue
num pulsar divino, sintonia com o coração do mundo.
E viagem termine antes de inicial partida,
viagem quieta, voo estancado pela melhor altura,
qual, desde cá em baixo, absoluta reside.
Poeta, deixai os comuns mortais erguerem-se e abalarem.
Não os tereis mais, como outrora, suspensos do vosso olhar,
esses que amaríeis rever após no coração da cor.*

-

II) Novo Milénio

*Redonda que nem O,
a formosa lua
repousa no zénite
do horizonte.*

-

*Presa ao corrimão da escada,
a bicicleta do sonho;
nela galgo degraus e patins,
milhentos andares.*

-

*Mesa,
onde a água, o quente café;
repouso a movimento;
pra versos motivo.*

-

*Cinzeiro,
com cinzas, fumos,
enche-se dum sobejo ar.*

-

*Radiozinho,
dos sons, vozes, luas;
ósculos a ouvidos
que auscultam.*

-

*Esferográfica,
riscando o plano, desliza;
verdade a preencher a luz.*

-

*Moedas esquecidas,
um troco distante;
a que jazem aí,
se ao mundo devidas?*

-

*Gentes,
irrompendo,
a entrada perpassam;
anelam p'lo dia,
por enquanto incerto.*

-

*A hora entreaberta,
tangem-se plenitudes.*

-

*A planta,
escondida, subindo húmus;
pouco, mas tanto, teimando crescer.*

-

*A espada,
o espírito, a palavra inflamada:
Recolhidos os versos, relê-se o transcrito;
confluem para a vida desvairados andantes.*

-

Da porta

a passagem.

Ora o coração.

-

Maria o Filho nos dá;

com Ela sonhamos.

-

Envolvente capote

o corpo me abriga;

agasalha-me a alma;

veste-me o dia.

-

Seja véspera

da maior novidade;

encete-se

partida.

-

Ramerrão,

automóveis

por insondável desvio.

-

Retorno ao pão,

à palavra, à paz,

terreno sabor.

-

Óculos pra ver perto:

Luzentes evidências

a mim se imprimam;

alegrem-me ânimos.

-

Olhos pra ver longe,

opacas barreiras

fazer desmoronarem-se;

envolvam-vos distâncias.

-

Sonhos ar

do meu olhar

deixam nuvens

abandonadas.

-

*Botas d'encantamento,
a corridas novas
com solas gastas;
que os atacadores
não se desapertam.*

-

*Isqueiro, breve chama
disparada pela chispa;
repentina críspa
baça luz ao transeunte ver:
Ateie-se jubilosa labareda.*

-

*Volante cachecol,
a vagalhões eólicos,
aconchegues-me a voz;
e, improviso, me guardes.*

-

*Fio d'óculos,
liberta-me prà lonjura;
as lentes suspende;
também quanto pese.*

-

*Relógio fixo a pulso e desalento,
pronto esqueça teu mostrador
de inexoráveis traços,
cale teu ponteadado cromático,
mas levante mãos.*

-

*Cruz,
contentamento
pra alargado*

amanhã.

-

*À janela
estou dentro
e fora.*

-

*Família,
fundamentos
pra humana ponte.*

-

*Bensaúde: Aquática memória.
Estevais: Na fraga, o alto tojo.
San Martino: Los raros cangarêgos.
Freixo de Espada-à-Cinta: Inacessível romança.
Barcelos: Embarques tímidos versos por esse sereno Cávado.
Braga: À luta, à praça te convocam.
Lisboa: Caravelas deixaram fumo, nada.
Setúbal: Desterro, refúgio, gozosa liberdade.*

-

III) Dos Sonhos Poemas

*Rapaz
com maçã a custo equilibrada sobre ombro
fez sem fumo nem bilhete o percurso errado o dia todo;
acabou por pagar o máximo que a Caixa Multibanco permitia,
quando noitinha chegou à sua terra.*

-

*O Equívoco:
Vemos Camus; ceamos num recanto do teatro.
Seguimos atentos o depoimento filmado em vida do autor
reclamando-nos a portugueses e espanhóis
descendentes d'incertos carnicheiros, e etc., etc.,
e da importância do por demais debatido bife bovino.
Nem reparamos que o figurão usa bigode.
Rimo-nos muito, quando se supõe não ter graça.
Não entendemos patavina quanto ali acontece.
Desliza o palco até à rua, e continuamos a peça.
Fazemos que nos cumprimentamos, e não dizemos nada.*

-
'Um dia, pra Deus, mil anos.'

*111333 milénios volvidos,
o sobejamente conhecido poeta,
humano dentre os muitos filhos de Abraham,
sic dixit: Já decorreu o lapso de tempo
que demorou a extinguir-se a débil luzinha
provinda da mais longínqua das estrelas.
Tenhamos agora revivida consciência do nosso último destino.
Os menininhos aprendizes das letras confundiam na cartilha
o nome impresso do vate, em tudo igual aos muitos mais nomes,
com o do avô lá de casa ou o da andorinha gémea ou o do fiel canídeo,
facto que não constituía, para as superiores instâncias, real preocupação:
Em qualquer parte dos conhecidos planetas
não escasseava a bambinos
tempo e tempo pra brincar.
Hoje em dia pouco ou nada sabemos
quanto aos pormenores relevantes
das vidas sumidas dos artistas;
no respeitante àquele com quem nos ocupávamos
há a anotar ter passado por banais constrangimentos:
Por não ter escrito nenhum soneto,
ou por não haver abraçado a sério a carreira diplomática.*

-
*Com ambas as mãos pegando aberto livro,
a jovem mulher mãe relê a história firmada;
perpassa linhas do texto que voz divina ditou.
O livro inclui os comuns nomes.
Tal lapso demora incomensurável tempo.
A franzina leitora esclarece a claridade.*

-
*Pungente entristecer p'la minha terra:
Subíamos rua acima para a casa da mulher amada.
Sob nossos passos se despegava palha enlameada.
Casara, tinha marido e filhos.
Beijávamos a prima, que, com as tias,
se encaminhava à oração da tarde.*

*O pai dobrava-se ao fundo da encosta sobre uns bacelos.
Estávamos para retomar o rumo pedregoso,
mai'las santas mulheres.
De amores idos rasto vão.
Dizem Senhor, Senhor, mas não vencem Reino.
Só a amorosa medida os sopesará.
Conclua-se que deambulávamos por uns sítios
e acordávamos noutros.*

-

*Jamais acabaremos de explicitar o claro dia:
O pai separara-se e vivia em Faro.
Ele seguia por toda a parte a João Paulo ii.
Incompatibilizara-se com um tio seu,
com quem frequentemente se cruzava.
Como reacender diálogo?
Não que se ralasse, dava-se por abalado.
Não só as catedrais encantam o esparzido mirar,
também o que em nós vive e não se diz.*

-

*Quanto começou com Feuerbach:
Revolvido o livro, assinalou-se dúbia passagem.
Os filhos da terra arrebatavam a eterna escritura.
Chegara o tempo, cada gesto era inaugural.
Submersa continuou a subterrânea oração.
Houvera em campo aberto peleja desigual.
E o humano Cristo deu-Se ao terrestre sentido.*

-

*Fomos ver o lugar de destino,
maior do que a princípio nos parecera.
Trama ter que mudar
mais coisas do que contávamos.
Até os filtros do fumo sobrecarregam bagagem.
Mais a metálica alvura do PC.
Quando remexemos haveres,
ficamos com a impressão de que uns quantos faltam,
até porque não damos fé deles na rotineira sequência.*

-

‘...Projecto de sucessão...’

Continuar de pé até que pombas de meus olhos voem.

Continuar dormindo até se regelarem dedos.

Continuar rezando até que tempo finde.

Continuar esperando que café feche.

Continuar despido até que colchão navegue.

Continuar escrevendo até que papel acabe.

Continuar apaixonado até que mundo acorde.

Continuar sonhando até que morto durma.

Continuar delirando até se incendiarem órbitas.

Continuar ladainhas até que cérebro estale.

Continuar a acompanhar o derrube dos tiranos.

Continuar iluminado até que a maluqueira passe.

Continuar chorando por miosótis encarnado.

Continuar a teimar no trevo das quatro folhas.

Continuar a seguir rota de estrela cadente.

Continuar a guardar no coração cintilações natalícias.

Continuar a procurar piolho estrelinha

na cabeça rachada do Menino Jesus.

Continuar a arriscar vermelho branco.

Continuar sangrando até se esgotar água.

Continuar boiando até que sangue estanque.

Continuar a coçar jubilosa ferida.

Continuar a prolongar gélido chuveiro.

Continuar a adorar mulher artimanha.

Continuar a andar sobre escombros lua.

Continuar sentado até os pés da cadeira enraizarem.

Continuar a dar corda a relógios que ninguém olha.

Continuar escutando especial música.

Continuar a elucubrar variáveis linguagens.

Continuar a cantarolar milagre da vida.

Isto e muito mais até que paizinho evapore.

Isto e muito mais até que paz floresça.

-

O super criativo dramaturgo dos entremezes

misturou dinheiro com borboletas; entenda-se

actores falhados, recém-formados no Conservatório,

*alimentando milhentas ilusões,
Cristo Jesus, Benigni, Buda, Fellini, Kafka, Saramago, Dario Fo.
Ilusionista, minimalista, sensacionalista
fez personagens comer montes de erva,
sacando-as à insídia tabagista.
Enfim reconhecido por Hollywood e Academia,
que tais momos símios reabilitou.
Outrora por foro médico declarado somente
esquizofrénico paranóico de discurso alucinatório ilógico,
ao lhe perguntarem insistentemente se ouvia vozes
respondia: Não, não, infelizmente não ouço.
Montou, explicamos, super espectáculo exótico:
Arranjou carrinha com articulações bizarras,
foi conquistando mundo, Leste dentro,
enquanto Sua Santidade peregrino
conseguiu avanços diplomáticos,
que contribuíam para sucessivos degelos
entre fundamentalistas ortodoxos,
para não mencionar dinossauros marxistas.
Estrondoso êxito para barbárie,
autêntica festa, sonho e loucuras delirantes:
Estrelas decadentes luzeiros e fogo soprado,
sobremaneira convincentes prò bom Deus pasmado.
Achou um jeito seu, animista, de tratar luzinhas,
odores, super atletas, marcações, actores
desdobrando-se em contorcionismos,
improvisos, arranques, imprevistos malabarismos.
Não que fosse circo ou ópera bailada,
mas inédito festival.
Conseguiria obter universal aplauso,
pois movia quanto mais primitivo há no humano fenómeno.
Autêntico iluminista místico malabar, suposto autor realizador filósofo
encenador, alongou devaneios após devaneios, decénios após decénios,
num comumente designado intermédio pós-modernidade.
Acabou por colher louros possíveis,
áureas estatuetas, Pulitzer, Nobel.
Criança que mais não desejava senão ouvir pássaros*

na manhã a louvar sem fim.

-

Jogue-se a céu aberto futebol.

Seja o imenso estádio,

estrondosamente iluminado,

indefinidamente prolongada festa,

que os canais televisivos dêem em directo.

-

Canto da mulher em Aoxa:

Em Aoxa sou feliz pois ando com quem muito bem quero.

Todos os dias trabalho com o meu asno transportando víveres.

Podem filmar prà Euronews que em Aoxa sou feliz.

Digam que é vida menor a paisagem destes dias,

que aqui não passou o tempo.

Que em Aoxa sou feliz.

Vem, burrinho amigo, não trates com à-vontade com humanos.

Passaste um dia sobrecarregado, mas já vem aí o nosso homem.

Recolhamo-nos à casa.

-

IV) Portuguesa Loquaz Gratuitidade

Ninguém vai a lado nenhum.

Que isto é muito bom.

-

Bilinguismo:

Bom dia, un petit café noir.

Desculpe,

se bem o entendo,

no ar não lho adrego,

antes na chávena.

-

O descalço d'Évora,

roto, mas podre de rico,

chega, à tarde, ao Arcada.

*Logo o garçon o atira à rua;
mas o dono vai rebuscá-lo de volta.*

Ele, acomodando, exclama:

Senta-te, meu Dinheiro.

-

V) Manhã a Sul

*Donzela roxa punceta desmaia; basta do sol um ténue raio,
reanima-se a rua; se não tivéssemos bolsos, as mãos se despedaçavam;
saltitam avezinhas, p'lo empedrado ensaiando tímidos devaneios;
gaiotas pairam voos altos, brancuras rompem entre neblina;
rafeiros vão perdidos em remanescente ruína, já antes noite petrificada;
salpicando relva, estremece límpida água musical que purifica.
A negrilhos - em fila prolongando a avenida - parecem ascender
para olhos sonhadores do poeta folhas num amarelento matiz;
gotículas do orvalho à clara luz refervidas cristalizam lacrimosas;
aéreas flâmulas transmitem morse, vento, murmúrio libertário;
na noqueira o estorninho desfaz o bico em açúcar no pissitar;
caudalosa a fluir o alto júbilo a hora grita escancarada.*

-

VI) Périplo Navegante

*'Mira-me, Miguel,
com'stou de bonitinha,
saia do burel,
camisinha da estopinha.'*
*Dá-me teu corpo, a mão,
que imos à bailia.*

-

*P'lo Marão,
apertadas curvas,
remansosas nascentes.*

-

*Amarante, Ponte Velha,
passos refazendo o poeta, santo absorto.*

-

*Bragança, Fervença,
bicicletas e patins sobre frágil gelo.*

-

Mirandela,
deslumbres, alturas outras, outro hossana.

-

Pocinho,
barrenta a cor cansada à terra, mansidão ensolarada.

-

Até à Ermida da Senhora dos Montes Ermos,
ladainhas, ecos secos, um percurso árduo.

-

Cerejais,
directa emoção, limpos pardais; rosa ou conta murmurada.

-

Espantados na cor,
corremos do todo a intimidade.

-

Alcácer,
p'lo ar vagando a voo.

-

Miradouro, Castelo de Palmela:
Sob fogoso sol, serena baía.

-

Évora,
a cal refresca farpas a róseo clarear.

-

Grândola, jardins:
Largueza airada, um povo bom.

-

Por Reguengos
assentados, entendemos rendilhada fala, velha gesta.

-

Tomar, Baptistério de S. João,
enlevo para o Pai, desce a Pomba Amor aO Filho nu.

-

Entroncamento,
errantes áreas, qualquer incerta pista.

-

Atalaia

morre nocturno sono sob cripta.

-

Delongo,

concavidades, degredado divagar;

florações silvestres.

-

Santarém, Portas do Sol:

O Tejo transborda Vaso Graal.

-

*A cadelita arrojou-se aos pés do amigo,
que, varado, se sentiu um Deus Manteiga.*

-

Alte:

Dos amendoais a flor altos atapeta.

-

Fuzeta,

bordado, em água, devaneante carreiro.

-

Uma acácia

nos sacode.

-

Albufeira,

ocre pólen, flor fibrosa,

esfarelada rocha.

-

Olhão,

ou o só cozido peixe.

-

Angra do Heroísmo,

arquitectural filigrana.

-

Fogo,

vazio populoso, gente diversa, mastigando sol.

-

*Pico,
e ainda um baleeiro.*

-

*S. Miguel,
éden ajardinado com vista.*

-

*Fão,
areal com bruma,
névoa rasa p'los pinhais.*

-

*Líquenes,
voracidade;
o perpassar.*

-

*Ao bosque do Bom Jesus do Monte,
equilibrada écloga.*

-

*Santa Luzia,
morres-me
sonhos cheios.*

-

*Vila do Conde:
Belo e Régio
te cantaram,
mas o encanto
é contemplar-te.*

-

*Póvoa de Varzim,
alma do Anto jogral eternizou teus pescadores,
gorros à banda.*

-

*Régua,
vinhedos coloram maravilha única.*

-

Porto,

escorrerem lágrimas por escadarias:

Cai estrela.

-

Cidade Rodrigo:

Inúmeros relógios compactados.

-

Trancoso:

De um dia pra outro árvores engalanadas.

-

Los Angeles,

de luz por sobre a escrita, e lá por fora.

-

Santo Domingo,

com pombas, em bandos, até à sombra.

-

Foz Côa,

rupestre,

baçal geometria.

-

A S. Bento,

à Rua das Francezinhas,

será que ecoa o oco?

-

Málaga:

Desmaiam embalos

adormentados mastros

de embarcações.

-

Transluz

correspondido afecto

a faces;

imprevistos despoletar

em teu pasmo,

burgo mordaz?

-

Mealhada,
chanfana, enguias, leitão, carrascão, mel;
melancólico restaurante.

-

Tocha,
raras tardes estivais; saudosa devação.

-

Beja:
Andadas à boleia vastidões da noite,
achámo-nos nos BV.

-

Guarda,
devaneios ligeiros, amoras, silvas, cardos, neve completa.

-

Por Seia,
ao primeiro pão quente, suscitam-se-nos operários sonhos.

-

República Ai Ò Linda:
Ao WC
mandam caloiro vociferar Camões.

-

Contra a contumácia,
imo-nos de mãos dadas.

-

Cáceres,
sobre pedras
teima chuva.

-

Sevilha,
um mergulho ao pé dum jorro;
libelinhas, nenúfares, vida inteira.

-

Em Valverde,
por raros livros soletadamente connosco deparamos.

-

Cultivar

cenoura, gosto telúrico.

-

*No Teatro Sousa Bastos
o perturbado psicólogo
vê um filme neo-realista,
a libido manifesta.*

-

*La Coruña, 61,
nevoenta antemanhã, encantados Juan, Ramón, Jiménez,
Platero, e eu.*

-

*Sintra, áleas:
Plátanos, negrilhos, pinhos, noite dentro.*

-

*Lisboa, Príncipe Real:
César Monteiro, boceja, canta,
louco d'asilo tenebrosamente vaiado e anulado.*

-

*Bornes,
augusto mundo meu dos áureos altos;
onde paio, boquiaberto prò divino.*

-

*'...1 e 2 e 3 era uma vez um soldadinho...'
Nem foi à guerra nem voltou à terra.
Andou caminho.*

-

*'...No tempo da eira fazia poeira...'
Disparada entre tantas
a estrelinha
a que da cerca surpreendemos giro.*

-

*P'lo lago,
libelinhas, a pique, num ápice, fulminam.*

-

*Monte Agudo;
pombas p'lo ar aberto.*

-

Extensões de Valença;
rafeiro fugitivas presas investiga,
a raro faro.

-

Curvaceiras;
rumorejarem folhas; madureza a rever.

-

Bonfim
mói calmas.

-

Tomar, Trav. da Misericórdia, 14, 1º, Esqº:
Da janela ao empedrado sinistro pulo.

-

Portugal em fogo,
coração cinza devorado.

-

Vila Viçosa
da ressurreição.

-

Irmã Lúcia,
no meio de nós.

-

Missa sobre o mundo,
renascendo madrugadas.

-

S. Martinho do Bispo, ao adro;
grama, hera, erva, musgo.

-

Santa Cita
doravante habitamos.

-

A mansa pombinha
bicou na palma da mão.

-

Volta da Pedra,
inaugurais carreiros a ar livre.

-

Vale da Vilarça:

*Eclosão da maior alegria,
estreita-me d'apertado laço.*

-

Bencanta,

*sótão a alumbramentos;
atentado premeditado contra Isaac Rabin;
Mãe, como desculpas.*

-

Eu nasci num país posto no mar:

*Gaivotas guiam-me o leme
estafadinho a rumar.*

-

Camponesa,

cara rasgada, escava duro ardor, óptimo nada.

-

Do snooker

a partida imprevisível.

-

Missão

cada hora.

-

Bordel,

e mofo.

-

Meu bom velho,

devaneando pela Idade Média sãs certezas?

-

Sinfónicos policromáticos chilreios.

Anda, e ouve, Messiaen.

-

Domingo único,

açucenas, calmas.

-

Monsaraz,

ante isto, nada és, poeta.

-

Comporta:

Maresia, navegações, sargaço, extensíssimo areal.

-

Ser-se

sem peso.

-

Ilha do Arcanjo:

Árida vereda, livre toada, áspero verso.

-

Porto Formoso,

no coração do verde chá.

-

Faial,

abalo ou convulsão, céu estrelado, às lavas.

-

Da Horta à Madalena

vela enfunada leva-me o branco nada.

-

Pico revisto,

com vides, penhas, entrecos basálticos.

-

Nos Capelinhos

gravar teu nome, à flor cinza,

na costa do relevo.

-

P'lo Canal

frágil veleiro

vai lieiro.

-

A Senhora da Guia

voo me acompanhe à vivaz luz.

-

Flamengos,

bodes, asininos, bovinos.

Quando não agrícola empresa, familiar gestão.

-

*Em Angra, nas proximidades do Museu,
decifrar línguas d'arrulho
a cúmplices pombos,
num vagaroso sono,
sob céu nítido.*

-

*Jardim Duque da Terceira,
com nuvens às farripas, iguais a pétalas.*

-

*Da Angra à Praia da Vitória
p'los olhos se afundam
excessivas lindezas.*

-

*Luz demasiada
rota da alegria;
maternal coração
timidez vencida.*

-

*Biscoitos;
num terraço
ajardinados vasos.*

-

*Feteira:
Um chafariz,
uma inscrição,
um toldo.*

-

*Zdenka Cecília Schelingová,
quantos comunistas estarão sorrindo
contigo
por teu perdão?*

-

*Santa Cecília,
embala-nos
celestes polifonias.*

-

Clara

fins clareia.

-

Clotilde

constrói forte.

-

Seldon:

É milagre a obra.

-

Maria, Madalena.

P'lo sussurro da voz O conhecesTe:

Não era o hortelão.

Rabboni, exclamaste.

Ele pediu-te que não O detivesses.

-

Craveirinha,

judeu preto devaneador,

sob quais torrentes acenas?

-

'Ai soidade...'

Flor

Évora

Cesária do distante

Alentejo ida na revoada.

-

Sacada ao fresco;

estremecerem estilhaçados espelhos

p'lo fugidio elemento.

-

Duras pedras demoradas

quisera meus versos,

essência da luz

saudosos;

a embalo de ouvi-los

morreria

p'la memória que dormem animados.

Na praça única os saboreei divinos:

Mel no céu da boca dum bambino.

-

João Cabeçadas:

*Cruzar mares a todo o risco;
e fitar a enseada chegando.*

-

Daniel Pires,

*diversa entrada crescer
ao caos burguês?*

-

Calafate

*dedilha guitarra sublime,
entoa trivial trova.*

-

Carrapatoso,

*declaradamente ateu,
enquanto vai degustando sardinhas,
engendra um Glória.*

-

Manuel Bola,

*calçados voadores sapatos,
sustenta surpreendentes actos.*

-

Asdrúbal

a voz cava remói abisso.

-

Portugal Silveira

*pretextu subliminar sucesso
pra atirar,
a nacos áridos,
carónica.*

-

João Calceteiro,

*porteiro reformado,
intervala laboradas oitavas
com orientações a estacionamento.*

-

*Se, amor, pra conquistar-te
tivesse eu que me morrer,
para ser teu desde já
nem ente quisera ser.*

*Como não hei-de te amar?
Favo loiro, meu tesouro,
sonho claro a despontar.*

-

*Achamo-nos,
é Domingo de Páscoa,
em terra desconhecida.
A casa estranha acolhidos,
assam-nos peixe no lume do chão
pra celebrar o dia.*

*Consigo ligar ao pai e à família distante acertando
incrivelmente num número p'lo telemóvel.*

*Acabamos enfim por reunir-nos; ignoremos
embora o quanto rondará no cômputo a despesa.*

*Acidentada viagem nos trouxe até nós a irmã,
p'lo Expresso, rasgando ravinas.*

-

*Tarde é o copo que bebes cheio ar;
noite o sono que dormes amado nada;
antemanhã a espera da certeza;
manhã os olhos te devolve.*

-

*Amacia o coração roupa ajustada;
acaricia mãos água lavada;
ameiga face o ar da rua;
amansa temores a plena lua.*

-

*Crê,
é dia;
joelhos
dobrados
na janela.*

-

*Meu céu
a hora
entrada;
minha rosa
chaga aberta;
riso ruivo
o gergelim.*

-

*Estremadura,
seca aragem,
campestre paisagem;
o bicho calmo
não cabe em si.*

-

*Manuel Maria:
Doída eternidade,
doido coração, és minha.
Zoilos, zarpai.
Abraça-me a Rainha.*

-

*Granja:
Devora noites milenares
meigo monstro jacente
sobre liteira enorme
no aquático fundo.*

-

*Burga,
temíveis raios.*

-

*Nazo,
feira,
pastoso pó,
posta,
moeda grossa.*

-

Torrão,

nem uma folha

bulindo.

-

Vontade de

explorar aventureiro

interior a assoalhada.

-

Estádio em Braga:

Asas a rasgar céu,

a arrojados golpes

pedra,

a escancarar alma.

-

Nem fiz guerra

nem sei guerra.

A-M.

-

Sertã,

sobre água límpida

corrente.

-

O indizível

completar-se por toda a parte.

-

Estou cá,

óbvio sobre o solo.

-

Que mais sacar aos bolsos

senão calor?

-

Vale Manso,

completude a olhos dada,

fugidia miragem.

-

Sardoal:

No alto templo soam aleluias.

-

*Na Herdade do Esporão,
sobre relvado, à sombrinha.*

-

*Por Janeiro, junquinhos no balseiro.
Cedinho, ao aclarar, lilases desbastar.*

-

*Lisboa
com tantas casas,
com tanta vida
não minha.*

-

Vouzela:

*Povo inúmero,
imensa alma, fibras doloridas.*

-

*Alexandrina,
para o Cristo Eucarístico:
O certo é que viesTe ter comigo.*

-

*As pedras da minha rua
desenham-me uns sonhos bailarinos;
amanhecendo a anil os melhores céus.*

-

*Enlaçados,
exalçamo-nos à soberana alegria.*

-

Alvorecerem flores seu fascínio.

-

*Em Tomar a Cruz Templária é gravada pelos passeios.
Todos a pisam, mas A Pomba exalta-a às Alturas Onde O Filho Rei.
Salvé Spes Unica.*

-

*Findo meu erro comigo,
durmo um sono antigo sob enorme mar.*

-

*Não ligués, amor,
que vou perdido na distância a florir.*

-

*Em Manteigas, um repuxo, sob dependentes chorões,
esparze desmaios, enquanto luz indeciso matiz.*

-

*Gouveia, Largo de S. Pedro,
diluem-se borrões num vislumbrar.*

-

*Belmonte,
vegetação absoluta.*

-

*Fugir a rua
a conversas ciciadas, teu lugar.*

-

A cor orquídea nos projecta.

-

VII) Episódicos Circunstanciais

*Bruto avantajado cão do prédio
devaneia entre caóticos destroços.
Falho em motivos poéticos, aceno-lhe,
a querer conquistá-lo amigo.
Alça vidrados olhos; abana cauda;
faz que ladra, e, depois, dá outra volta.*

-

*Enquanto enrolo
com tabaco
a dita mortalha,
não fumo por ora
o fumável cigarro.
Já me fui fumando
a vida toda.
Por outras palavras
um tal Pessoa disse.*

*Morro-me instantes lentos,
devaneios.
No vagar de ir
a paisagens invisíveis.
Até que pare de subir a água
a poço da canção,
e chegue na final estação
o brinquedo coração.*

-

*Em extremo atenta à leitura,
a jovem musa aluna
corrige a texto
excessiva veemência,
reduzindo à normalidade
exacerbados assomos.*

-

*Reatam-se-nos
diálogos
de entre banho
e praia:
'Quereis outro achamento
além dessas ventanias
tão tristes tão alegrias?'
Como se voltássemos
ao Norte.*

-

*Resplendem,
apolíneo equilíbrio,
atletas, ofuscante luminosidade.
Inquietações
por um golo invalidado,
pois nem tudo vagueia em alegria.
Há que ajustar
dentro do sono
a trajectória ideal
ou rever, realiter,
instantâneo desfecho.*

-

'Vêm da dor directamente.'

Trazem no olhar a mais firme certeza:

Sagrados da verdade, feridos do ver,

magoados heróis.

Seu fito é o vago além:

Desde a mais tenra madrugada

se arrebatam.

-

'...Balões, balões.

Prò menino,

e prà menina...'

Terna anciã,

que distribuis ilusões

a pataco,

e dás, p'lo fio,

às pequeninas mãozinhas,

balões;

dá-me também um a mim,

pintalgado,

para que o largue

ao vento das subidas.

-

Após forte estremeção,

Dionísio, o novo entusiasta, fã da cerveja sem álcool

com amendoim torrado, cigarro farmacêutico do húmido beijo,

erva inofensiva, arrazoava, ufano, discursos sobre discursos

da sua convicção profiláctica:

Não dispensava o Lorenin dois e meio, quando o frio transtornava

e brancas vigílias na noite vagabunda

o obrigavam a retemperar embrenhado ócio.

Para embarcar naus, sonhos, duendes, gnomos, fadas, sereias

bastava-lhe ouvir acordes a violas ou violetas.

-

19.xii.1999:

Último dia português da nobilíssima

Cidade do Santo Nome de Deus de Macau,

*aportadas a cais últimas naus,
ficas a ti entregue, povo bom na Fé,
roído por ancestral fome:
O sonho absoluto te abalou.
Mastigas, sem palavras,
uns grãos do arroz trazido no derradeiro embarque.
Ainda a natal saudade te rói, a melhor parte,
agora que tens a pátria nesga tua que a céu alcanças.*

-

*A vizinha perdeu o gato, mas que disparte.
Fugiu de casa, pra não mais voltar.
Porque te sumiste sub-reptício, malvado gato?
Seu nome é Rom-Rom.
Publica-se anúncio:
Alvíssaras a quem o achar.
Se alguém o vir, chame-o, p'lo nome, e dê-lhe Kitekat.
Por onde andas a esta hora, famigerado vadio?
É preto, luzidio, usa coleira vermelha anti-pulgas, só vê do olho esquerdo.
Não vamos contar a história dele, que dava longo romance.
Por ora trata-se de recuperá-lo.
Oxalá não seja já composto indiscriminado na barriga dalgum chinês.
Aqui vai expresso meu SOS para a Net:
DESCUBRAM ROM-ROM.*

-

*Verdes entrançados, nylon, estruturas d'andaimes separam Caramelo
da amada gata, do prédio em construção: Bem tenta ela a aproximação:
Os arredores rodeia, e estuda, enquanto ele, dependurado à janela,
como estátua, imobiliza, e freme:
Mutuamente se suspeitam, mas, p'la aluada noite,
a distância entre ambos tece-se duns sonhos improváveis.
O peso nocturno passa, suspenso no peitoril marmóreo.
Já regressado ao interior fofo aconchego, à carpete, uis fundos dá,
frio gemer, dolorido miar.
Lapsos depois à estratégica postura torna,
já a gatita debandara.*

*Ei-lo agora a remover nervosamente o pescoço pra todo o lado,
atarantado p'lo diamantino satélite.*

-

*A incrível bailarina, meu par,
desafia-me a versejar
nossos sonhados passos valsa.
Perplexo, que lhe dizer?
Que em registo vídeo estão
indelevelmente gravados
esses exóticos passos voadores;
subliminarmente gravados
sob aluadas pedrinhas flores
da comum praceta.*

-

*Estuário das leves ondulações,
encantos, golfinhos, gaivotas,
à aquática face, alvura espuma.
P'lo que ante vagueamos.*

-

*Escrivaninha das horas quietas:
Estou decididamente morto
para o que não seja.*

-

*O Diabo tem cornos?
Ele nunca foi casado.
Usa forquilha?
Ele nunca trabalhou.
Diabo e Ana Pandilha tramaram abrupto filhote que não tinha coração.
Disto, Dom Diabo interpela bom Deus:
Vais mesmo deixar nosso filhote vir a mundos sem coração?
Desliga o bom Deus, sem retorquir.
Nasce, e cresce, e se faz algo o cornudo cachopo descorçoado.
Num baque dos Seus, bom Deus ao estranho petiz vai notificar:
Rabino Moço, sabes, dentre sideral espaço que com bondade administro,
dum astro chamado Terra? Queres tu ir pra lá?
Promete portares-te bem e cuidares vidinha.
Prometo, prometo, corresponde à prédica o enfeitado rebento.*

*De quejando trato resultou
aqui cair o famoso Filho do Diabo.
A que chegou a sinistra criaturinha das trevas?
A dar-se à singular empresa
de gerir um porco tasco
numa frequentada esquina.*

-

*Quando o castanheiro do quintal floriu,
a antiga angústia se desvaneceu.*

-

*O carteiro Candeias,
mais conhecido por flaviense, conversador, ou vagaroso,
apregoa, a todo o mundo, maravilhas do melhor presunto,
desde que por Chaves passou, uma ocasião, uns oito dias.*

-

*Raúl, o soba negro,
prà pedonal Rua Vasco da Gama na Quarteira desterrado,
Índias fuma num acabrunhado distúrbio.*

-

*Grupo Desportivo de Bragança: Longa era a marcha
até lá, amplo o descampado.*

28 de Maio: Convivas abancados sobre pedra.

*Ginásio de Alcobaça: Para alguns o resultado
acabava por dar certo:*

*De tantas paragens vindos,
saboreávamos, reunindo-nos,
quase destino, o ar domingueiro.*

*S. Luís: Aparício tentava repor a verdade nos descontos,
mas os passes, para a grande área,
não resultavam como queríamos.*

*Bonfim, Setúbal: Vitorioso disparo, o do Henriques;
e o sol explodiu.*

-

Cerejais: A graça e a luz: Beethoven por telhados aluados.

Trindade: Horror ao escuro, cultivos, ledos campos;

a escola, paredes-meias à casa;

jovens criadas, bambas cadeiras, luxúria, um crucifixo.

São Salvados: Brinquedos destróçados, nevões a largo.

Vimioso: Nasce-nos um irmão; lavagens, toalhas, azáfama, água morna.

Alfândega da Fé: Leituras nas longas tardes;

escadarias, sobrados esfregados, tralha acumulada por pátios,

velhos trastes, empenados gradeamentos.

Coimbra: Sótão pra ideias, escritos a esmo,

duro afã, desalento, e reerguermo-nos.

Braga: A desoras a voz da bela explicadora.

Cardanha: Sob cobertores-de-papa: ‘Manuel Ângelo, ainda lê?’

Eu com os pascoais Belo e À Minha Alma. ‘Vá, apaga a luz, e dorme.’

Lisboa: Clara nuíinha no banho,

baques infantes, encantamento.

Cem Soldos: Ecoa hora o relógio antigo;

inaugural sorriso, p’la manhã.

Quarteira: Abertas à luz janelas e varandas.

Leiria: Noctívago revolver versículos; risos e ledices.

-

Do Tua a Bragança: Vinhedos, fragas, urzes,

giestas, estevas, monte, o Taunus verde torneando curvas.

Do Porto a Barca d’Alva: Acompanhá-vamos o curso d’ouro.

De Coimbra a Lisboa: Por férreas estruturas revolvemos poemas.

De Setúbal a Faro: Se por demais sobrecarregados,

lançávamos janelas fora olhos emocionados.

P’lo Vale da Vilariça: As mesmas histórias,

vezes incontáveis.

Até ao Bois de Bologne: Pra trás ficou o vão tremor.

Portela/Zurique: Enquanto a Swissair nos tem na refeição,

ternos se nos evolum os gestos lentos.

Funchal/Portela: Rectângulos sob relâmpagos,

mondriânicas extensões.

Caído a solo alado pé,

devolvíamos ao deserto local viajados traumas.

-

Então, muito bom dia. E ninguém responde.

Os bons dias estão mesmo p’la hora da morte.

Ainda se fossem as boas noites, estou como diz o outro.

Será por ter chovido muito ultimamente?

É caso pra perguntar.

-

A uns sapatos luva:

*Por onde não andastes ou andastes
nos dissestes.*

-

Reina gran confusão no estaminé:

*Bufa o gato, espartija-se o copo, tropeça a padeirinha.
Pois é, qualquer dia parte um pé.*

-

*O crava Rogélio, desvivendo cintilações a ido milénio
do pasmo, em anti-diplomáticas abordagens,
a mim consegue palmar-me um por semana.*

*Vai contando com o desvelado aconselhamento anímico
de gentis, humaníssimas psicólogas: O fi de puta.*

A intempestiva hora entra no Caffè.

*Ante o primeiro cliente especa, e boçal dispara:
Posso pedir-le um cigarrinho?*

-

Selectas bocas ouvem

até descortinarem a anedota última.

Tarde e a más horas entram a estúdio os porreiros artistas.

*Após triviais palmadinhas em costas camaradas,
ao maestro a mandam.*

-

*Aquela cientista inglesa viveu, anos 60, no Quénia,
rodeada por tigres, chitas, leões, árdus felinos.*

*Um leopardo rebelde, a quem intimamente temia,
embora desde sempre predilecto, deglutiu-a.*

-

*Após imprevista chuva,
gorjeios, luz nua, cheiro a algas, maresia.*

-

Sussurram

ventanias

uivo inóspito;

*reabre asas
farta relva.*

-

'A ignorância humana dá ideia do Infinito.'
Puxou o autoclismo?
Não ouviu, por acaso?
Aquele autoclismo deve andar mesmo silencioso.
Praza a Deus que esqueça,
suspenso p'lo madrugada aclarado.

-

Domingo passado,
surpreendemos o Conservador Municipal,
abancado mais sua senhora, na esplanada
duma geladaria da baixa, devorando, em vítrea taça,
a colheradas, envergonhado gelado.

-

O Silva contador não suporta vozeria.
A tarde toda passou em demoradas leituras
das contas EDP.
O rock, a nicotina, a cafeína com garotas
noutra hora curte.

-

Impertinente saudade:
És tu a garota de Ipanema,
que vens bamboleando-te
azougada
p'lo Vieux Port?
Oh, esta saudade, o vago, e o distante,
sonhando música nos teus passos,
enredosa fantasia.
Longe a orla dourada
da pátria claridade.

-

Canto à Empresa Carlos Costa
a obra vai pra uma década começada,
porque a acompanhei com vida,
dia após dia subindo ante a janela

*aberta ao sonho do meu nada.
Ao raiar a clara madrugada,
o operário arremete a Ernesto o tasco.
Pão quotidiano, vulgo carcaças, se demanda.
Café é elemento comum amanhecido.
A qualquer hora que fosse,
que me fumasse pensativo,
debruçando-me sobre o alpendre perto,
pacíficos agentes nua evidência levantavam.
À força de pás os lixos removidos,
guindaste a topo alçando torpe matéria,
descidas e subidas ensaiando; terraço, escadaria,
sótão, revestimento, azulejos, andaimes,
infíndos afãs que vislumbrei.
Falou Leandro que um ano ao prédio falta;
o andar modelo propõe que sonde esplendoroso.
Erguida a céus a torre bloco do melhor sol rouba,
que em Acapulco alguém devera me repor,
pra atenuar exílios, em que há tempos ando,
nuns versos soterrado.*

-

VIII) Infâmia

Nomes:

*Anne Frank: Amesterdão: A clarabóia, num sórdido sótão,
dava para as nuvens, substância sonhada.*

*Lima: Povoaste com figuras aladas, bailarins, trapezistas,
o horto amargurado.*

Hölderlin: Vinho divino, ancestral angústia.

Duval: Cantavas: Havia sorrisos que atravessavam a rua.

Machado de Assis: Excelente tabelião do idioma.

*Brel: Golpeados os fios que moviam a marioneta,
eis-te em fuga ante ti próprio.*

*Junqueiro: Luz mariana e flor da urze,
em torno ao simplicíssimo burrico companheiro.*

Senghor: Salmos da África, tambores eclodindo antiquíssimos ritmos.

Rilke: Soturnos anjos, a acolhida noite, indiciavam carinhos.

Camilo Castelo Branco: O Verbo esfarelaste, comum banquete.

Simone Weil: 3 da manhã, grutas ao metro, em Londres, com O Cristo Transeunte acamaradaste.

Antero: Limpidez, a ideia nova, traída por insanos.

Agustina: Reerguendo, em painéis, a casa arruinada.

Jiménez: Moguer tuyo, tu Platero; New York, tu mujer.

Virgílio: A felicidade pela agricultura, áurea mediania, excepcional opção.

Manoel: Filmaste a cor e luz um Douro duradouro.

Dante: Ante o feroso amor continuando a pastorear estrelas.

Teresa d'Ávila: Dizer-te é dizer Deus; e só Deus basta.

Carlos de Oliveira: Trabalho infindo, infindo verso.

Bellow: Àquele que conquistou o mundo que baque inquietante lhe diz que algo lhe falta?

Camões: Rezaste o amor excelente.

Pascoaes: Peregrino saudoso que freme no teu olhar entornado?

Kafka: Real o ver irreal.

Hoje ao pé de ti a noite perturbada.

Beckett: Absurdo, gratuito grito.

Federico: Sangre, sol, areia, folhagem.

Aragão: Não é que o Cristo-Rei se entretém em equilibrismos, lançando e aparando no céu vis banquinhos de assento?

Dostoievski: Universal envergadura eslava, possessos actores.

Böll: Cataclismos, desumanidade; entreteceres carambolantes prosas.

Sophia: A perder pra lá a vista, na areia a brancura espuma, a onda iluminada.

A. Serpa: O que não vias disseste.

Saint-Ex.: O principezinho louro voa agora nuns aviões-correio.

Rosalia: Sar teu rio, Galiza tua terra, saudade comum dor.

Cinatti: Nem chegaste a explicitar umas certas coisas:

Desde o Reino em Timor ao engate da garota inglesa em Sintra.

António Maria Lisboa: O exacto dizer especioso.

Ruy: O dia a dia dos mil nada.

Vicente Aleixandre: Espanhol camarada, o pó a teu pé volante cantaste.

João xxiii: Entranhas misericordiosas geraram tua simplicidade gorda.

Brandão: Fundo humo teu drama, porque recôndito bicho metafísico.

António Machado: Declives áridos, e ermos píncaros, correntes riachos, tu Castilla.

Régio: Realeza, cumes, dor, abismo, ferida. Deus se te amercie.
Pessanha: Ópios dormentes, Oriente, alucinadas infusões.
*Cesário: Delineaste os perfis das nossas ruas;
percorreste-as, em televisiva reportagem.*
Mozart: Troca as asas aos anjos e executa os imbricados scherzos.
A. Negreiros: A cores cantaste a náutica Lisboa.
Husserl: O que ante esteve disseste.
Ricardo Reis: Jesuítico tu? Castigado pagão indiferente.
*Shakespeare: Tramas múltiplas, abismos, paixões:
Porque complicados nos sabias.*
J. J. Rousseau: Sente o rumurar a água fluindo?
*Trindade Coelho: Regatos, recônditos recantos,
trechos de lamúrias, lengalengas, encantatórias fábulas:
Ah, a infância.*
Paredes: Desfiar lágrimas mel um povo a sul.
Renoir: As armadilhas, as artimanhas.
Afonso Duarte: Montanhês na planura, lavravas versos.
*Natália: Perpassaste as mãos floridas por papel rugoso;
por Alcobaça, num escuro tasco, pousaste rascunhos sobre nada.*
*Bernardim: Doce tristura,
saudosa mágoa d'alguém
a quem terno amor abandonou.*
*Sebastião da Arrábida: Mudavas de camisola,
saltitavas dum barco para outro, apertavas atacadores,
trocavas na lapela flor, abraçavas ar, água, montanha.*
Pound: Da única gesta itálica universal el melhor fabro.
Paulo: Tombado a conversão, arrasaram-te o entusiasmo e a bênção.
Chagall: Menino sempre em aldeola, à Rússia dos czares.
George Braque: Interiores tais quais antes, pairando cegonhas.
Cecília: Clássico nos teces o fluir fruído, ingénuo encanto.
Etty Hillesum: À barbárie, abraçaste viva O Vivo.
*Júlio Resende, Resende, Júlio, Porto, Portugal... É luz
da Fátima, Bela Vista por todo o lado, Amigo.*

-

*Queridas graças,
tudo de bom pra vocês,
que quero dum amor*

tamanho quanto o ar.

-

'A estrela de Belém é hoje ainda numa noite escura.'

Dissipe-se agora,

com o transluzir cimeiro à gruta,

a vã angústia.

-

Quando o Reino de Deus chegar de vez,

os padres ficarão desempregados,

o Papa entreter-se-á

um tempo imenso

a fazer bolinhas de sabão.

-

O cobrador das quotas do CCS

há uns bons anos

que a más horas chega indesejado.

Das prestações dos últimos trimestres

me crava em euros novos à socapa.

Dava-me, entrementes,

a costumado ioga espanhol.

Retirado o bigodado gajo,

em vão leito retomo,

revoltando-me para outro lado.

Ai de mim, que da urdidura

o fio libérrimo não mais reato.

-

A rapariguinha do pub,

entre copos solícita, amaro idílio nutre.

-

Tarefas com o Partido:

Só quando desceu

para ir à reunião,

esperavam-no,

deu conta de que enfiara,

na hora,

o pulôver americano.

-

*Boi exausto
os cornos
investe
a delir sonhos
ideais.*

-

*Filha,
que
a Sírio tua
fulja.*

-

*Então um muito bom dia com sol por aqui
e com uma muito boa noite pela metade
escura que agora está no outro lado
alfinetada por mil pontinhos luas.*

-

*Pedrinhas da calçada por onde,
solas gastas, sapatos a arrojões vão.
Abrigam-se-me
sob elas
fugidas visões.*

-

*A fresca hora,
Yolanda irrompe,
apertando o cinto,
p'lo Café.*

*Um seu poema me pede,
mas demoro-me a pari-lo pra papel,
ruminante fatal duns versos múltiplos
pra acertar contas a sorrisos.
Se tanto a cansa se compor,
porque não pernoita vestida na praceta,
no aconchego das ignoradas estrelas?*

-

*Traseiras do Liceu, 4 da manhã:
Como habitualmente, uns dois padeiros apartando*

pão em cestos, sacos, carrinhas.

Mas eis que há novidade:

Chegou o grande dia da viagem dos finalistas a Espanha.

*Uns madrugadores pais esperam já, mais seu menino,
p'lo autopulman contratado.*

Mas o menino está nervoso e mal dormido:

*Desloca-se muito de um lado pra outro,
não sabe que fazer dos pés.*

*Mais pais, mais pais, mais pais e mais paizinhos,
e mais meninos e meninas:*

Já não há onde arrumar mochilas, sacos e malinhas.

*Basbaques uns, e umas, outros, e outras, fumando,
ou disfarçando pasmos com beijinhos.*

Boa antemanhã para o Joaquim guarda-nocturno:

*Se está entregue a praceta,
pode por hoje ir mais cedo para casa.*

-

Com modorra vai o tempo.

Alvuras tingindo dia.

Preguiçosas ternuras avançando.

-

Alguém grita dentre silêncio;

estores, seco estampido;

a um carro na via algum cão ladra.

-

*À sombra do companheiro no roxo ocaso,
caída sobre rugosa terra, descansadinha,
nutres com sonhos meus devaneios turvos,
dás azo à música que soa p'lo ar nublado,
és carne da loucura que me mantém.*

-

Algum elo cambiante

espera que se quebre verso?

Som a remexer torpe ouvido?

Melodia não transcrita?

Correnteza extraordinária?

*Arrumador de tabacos
na maquina automática
relata idos com
manguchi independentista.*

-

*O escriba do olhar abrangente
resolvera acabar letrinhas
e abismar-se.*

-

*Nas mãos seguro,
o livro a aluna lê,
a resolver-nos.*

-

*A pomba do Santo 'Sprito
voa-nos da lapela
ao meio-dia em ponto;
linguagens a poupas, melros
e outras aves sonda,
após regressando.*

-

*Está cá um encantamento por aqui.
Puxaram p'lo sol todo pra baixo?
Ou o sol anda lá p'lo outro lado?*

-

*Criança palestiniã fardada de kamikaze:
Até onde chega a desumanidade.
Pode o estômago do Misericordioso
com semelhante vômito?
A quem não se afigura o horror?
Quem não revolve coração?
Ante isto haverá algo a dizer?
Pergunte-se um se é culpa sua.*

-

*Regresso a hortênsias descoloridas,
sob fumo, névoa, vil cansaço:*

*Da luz a excitação como se anula;
Agosto algo chuvoso se adivinha.*

-

*Com a Clara Pinto Correia
e o artista mirandês do nome exótico,
engendrando ilustrados romances,
promiscuidades libidinosas,
furibunda invasão a televisivo canal.
À pergunta a que era o Messias de Levi,
em Eboli, diferente do seu,
o camarada opina prà câmara:
O povo é cruel, adora vísceras.*

-

*Tu outra vez, fatal Pessoa?
Nacional obsessão, contumaz pilhéria,
a que nos reduz teu vicioso ciclo alcoolizado.
Era só o que vias este sol?
Ou, mais pra lá do que disseste,
ou nos subscritos selados nos deixaste,
não haverá rua, lua, alma, sonho, praia,
monte, voo, luz, quid, imensidade?
Que o hoje não é só essa Lisboa.*

-

*Do que me dão:
O bom Cristo,
pão - sem peixe
embora.*

-

*Foste mesmo um menino,
aos tombos p'lo cais da vida.*

-

*Dulcinea del Toboso y Quijote de La Mancha
celebram prolongados festejos nupciais.
Pra quê inventar novo término para o mais famoso romance?*

*A noite alonga-se;
rio-me alarvemente de gaffe televisiva do Professor Marcelo.
Onde param a esta hora esconsa os meus óculos?
Reza o entendido eclesiástico que quanto impacte
os telejornais transmitiram resultou d'acérrima pesquisa.*

-

*Violinos a sussurrar um Danúbio fotográfico,
trapezistas kafkianos, vagabundos artistas,
devastada, imensa alma russa,
aí vás peregrino.
Labirínticos atapetados recantos,
confuso chá, altaneiras tâmaras.
Enormíssima musical litania,
samba, mescla santa.
Cordilheiras, píncaros, mansas enseadas,
virgens florestas, morrinha, encantatórios ermos.
Soberana voz amordaçada cantando pra bailico,
voláteis engenhocas obrigando-nos a baixarmo-nos,
vergada erva, dunas ondulantes, percorrido vento.
Que rumoreja o Sena?
Quem chora em Notre-Dame?*

-

*A cadelinha
estendia-se
ao sol
no lençol da rua;
árvores magras
espreguiçavam-se.*

-

*O lugar em que estás,
o mais distante.*

-

Os poetas pararam.

*Ao mesmo tempo
tiveram a mesmíssima inspiração:
O ventinho que soprava
era a grande paz.*

-

*Poesia, tratasse-te por tu,
e tudo acabaria nu.*

-

*Sento-me na casa.
Parece não haver
mais nada a fazer
do coração.*

-

*No primeiro Sábado
rejubilou o bom Deus:
Era pura, plena, a criação.
Eva, Adão & Filhos, Limitada,
com o imperativo de dominar mãe terra,
a conspurcaram.
Homem Outro, flébil espírito,
no oportuno tempo,
reconstrói comum habitação.
Bem sopra onde quer Um Vento Novo,
e chora hoje a fio a boa Mãe.
Bué estopada, fim sem fim:
Tudo pior que estragado.*

-

*Mistério de Luz:
Sobre jumenta paz
sobes a celeste Jerusalém
e ouves A Aclamação:
'Hossana ao Rei.'*

-

*Grunhe
suíno
da pocilga.
Não que escasseie bolota.*

-

Cócórócas, galaroz?

Esganam-te.

-

Arrulhas, pomba,

o 'Spríto?

-

Zurras, burro?

Obras urtiga.

-

Busca, rafeiro,

filas rubi.

-

Pula, macaco,

achas galho.

-

Alça nariz girafa,

que quesita cata.

-

Orca tonta,

esguichas?

-

Forças voo, cegonha?

Brandamente paira.

-

Rato anafado

com porcaria se ceva.

-

Lebre saltadora

rasto não topa.

-

À borboleta

ofuscada turba o sol.

-

Vaca leiteira

pasta

verde erva verdadeira.

-

Insecto seco,

areia grossa.

-

Formiga

na retirada.

-

Poeira

nuns interstícios.

-

Bolbo, água,

antenas, arame.

-

A pardal

bico destila mel.

-

Das macieiras ramas,

bordado edénico.

-

Resfolgas, coelhito?

Tens certo o catatau.

-

'A saudade saudadinha

diz-se nada no Faial.'

Se em ti voasse, saudade,

era meu o Portugal.

-

A amiga saudade

é viúva, noiva, e tem

por irmã a manhãzinha;

a noite é dela também.

-

Não chores, madrinha,

que teu netinho voltou,

pra revolver o sol à casa toda,

e arrasar os casulos dos teus bichos-da-seda.

-

*Tecerem-se
ramagens de girassóis.*

-

*Aquela clareira inteirinha
intervalando
pura luz livrou-nos.*

-

*Da indecisão à luz maior
firmemente perquirires-te.*

-

*Encantos,
olhos abertos.
Raiva,
punhos cerrados.
Asas,
mãos a céus.
Mágoa,
do passado.
Prece,
livro a ler.
Esperança,
nome gravado.
Fúria,
fome de pão.
Luta,
teu bordado.
Vida,
tu a dizes,
meiga rosa,
verde prado.
Morte,
estar vivo.
Palavra,
ai pesado.
Isto dito,
eis retrato*

esboçado.
Durmo, velo,
's'sperado;
fujo, fico
do teu lado.
Voo, tombo,
atordado.
Amo, espero,
arrojado;
por flores
aluado.
Esta paz,
lago habitado,
canto:
Chilreado,
alma, voz, som,
sopro alado.
Paira noite,
chão chovido.
Abre o dia,
fim datado.
Abre a luz,
dou-me enleado:
Abrigada,
céu e fado.
Se me ama,
bondade
demasiada,
não lembra
nenhum pecado.
O choro
já chorou.
Vigia
os dedos
na r'scrita.
Margem,
água,

*poesia,
onde
tomba
uma pétala.
Põe os olhos
em mim:
Me quer,
me tem.
Gozo infindo
seu regaço:
Mãe,
mulher,
calhandra,
senha, recado.
Baixinho
sussurra-me
ao ouvido.
Sacia-me
do mel,
manjar sagrado.
Sonha-me
um sonho
sobre
meu ombro
reclinada.
Meu tu,
meu tudo:
Asa, porta, ave,
cofre
do bom cheiro,
Maria.
-
Olha
desfeito
ar,
libérrima*

floração

p'la

fonte

das moçoilas.

Goza-o

pra lá das gazelas,

à nascente.

-

Mãos vazias,

voos dobrados.

-

Aqui o quente Inverno,

povoado por luzeiros,

memórias de alegria.

Resolve-se o poema

a rítmico bater dos corações.

Habita o ar vazio e raro,

trazendo montanhas, transido de infinito.

Morro a saudade, complexa fantasia.

Foge a vida: Precário estou,

a lumes sublevado,

dócil a musicais tarefas:

Tudo, pra lá do amor bom,

o vinho tinto, o verso cheio,

a dura cama,

o sobrado deslumbre, a boa boda.

-

O filho errante a casa volta:

Do pai, que sempre o esperou,

tem abraço e perdão

bom que nem mel,

a escancarar amanhã.

-

Enquanto cristãos,

budistas, judeus, muçulmanos clamam paz,

tenebroso repórter, aviadas trouxas,

engenhos prontos,

*vai pra noticiar in loco artilharia;
a seu recanto fugida uma criança enlevos teima,
fazendo terços com aramezinhos, e missangas.*

*Dia após dia,
burocratas abancados, p'lo inóspito café,
mobilizamos fúrias imperturbáveis,
ante imprensa,
a inquirir terror.*

-

*Réstia
no cinzento
cimento,
a alface,
carícia
ao exilado.*

-

*Após decepcionantes ilusões
retorno a sonogado
sabor vivido.*

-

*Dar-me à manhã,
crescendo
magoada saudade;
dar-me a caminho
aclarado p'lo ar do teu olhar;
dar-me à poesia,
flor lancinante.*

-

*Animal ferido,
a guerra deixou-te só,
mas alentaste-te
descansado.*

-

*Dócil à vontade maior,
acolhesTe
o Sopro Fecundante.
Pobre cristão,*

Te frequente Escola,

Te imite,

Maria,

em rota

pra O Pórtico.

-

Saciado com a flor da farinha

e o mel do rochedo,

livre como um passarinho

quisera ser.

-

Hoje é sábado ou domingo?

Aéreas pedras, árvores, aves

transmutam-se oração.

Alguém permanecerá indiferente

ante tal Eclosão, divino amor?

Uma rosa arde do íntimo mundo;

boca para a palavra,

desflora intocável completude.

Não, nada dizer, antes ser:

Se evolar alma.

O eterno dorme no verso,

que rima com Maria,

Mãe e Fim.

-

IX) Caleidoscópio

Estreme decifrador dos desertos,

só a linguagem musical

lhe movia algo.

Passou a vida toda

encostado a fundo som.

Do sonho que o tomou absorto

despertou rigorosamente morto.

-

Diotima,

que pousaste

em mim

o exacto beijo da beleza.

Resta-me fechar a porta.

-

Uma tesoura de mola na sequência.

Dum tombo cai o professor.

Um tinteiro vazando-se.

Ossos doridos a uma faca de espaços.

Finos fios fundando sulcos.

Uma rapariga a andar

com rosas rubras.

Um som apenas som a repetidas canções.

Pensamentos tecidos de vacuidade.

Ansiamos por um dia bom

desde manhã à noite.

-

Os sons enchem o poema,

moram dentro,

serenidade construtora;

entranhada pólvora para paz,

tudo fecundam;

se lhes resolve a trama que impregnam;

sobem à tona e dizem arquitectura a erguer-se.

Será sua finalidade o emerso hoje?

-

Nas íngremes encostas batidas do sol,

às oliveiras, por grossas mãos varejadas,

tombavam para chão das extensas lonas

rebuscados frutos; a quente, no lagar,

prensas esmagavam, esteiras chorando,

gorda espessura com pegajoso suco;

caroços, já desfeita baga, ardiam no lume;

pra fundas talhas escorria loiro fio.

-

Veleiros derivam

*não ao sabor do vento
ou das marés,
sob ágeis pulsos
corrigidos.*

-

*Areia a aranha
a tecer teia.
Aos saltos,
quais ágeis galgos,
folgam
pujantes arlequins.*

-

*Sebastião,
poeta moço,
enquanto estiveste connosco
viveste lindo sonho.
Ao romper a mansa aurora,
vou buscar, nas florinhas
esquecidas da tua Serra-Mãe,
a canção que és, num redivivo eco.*

-

*‘A uma hora destas
dependurando-se de cigarrinho
em plena burocracia.’
Desfaça-se da porcaria,
respire fundo,
rasgue alegria.*

-

*Jardins de água e flores,
onde retine chilreio a múltiplas avezinhas.
A vendedora das ditas canoras diminutas criaturas
achou assim maneira de embora ainda aqui
emigrar de vez.
Tal fuga lhe admiro, sempre que lá passo
apressando a redutora sequência
dos sincopados segundos.
E se com ela estabelecesse sociedade?*

*Que um outro poeta
aceite a sugestão.*

‘Mas onde, aonde, essa Lua, essa Estrela, essa Chymera?’

Simplesmente:

Passada a esquina, após um arco, ao CCB, Loja 6.

-

*Velhos - grosso ranho,
pés nos socos, meias de espessa lã -
tossem fundo, e inspiram pachorrento rapé.*

-

*Cai em meus braços,
cabecita louca;
logo te dou mel.*

-

*Contigo,
pombinha bailarina,
os melhores arrebatamentos.*

-

*Os pobres, à inópia,
os pés chagados,
mal conseguem andar;
por onde vás te assaltam.*

-

*Os versos leve insuspeita água
até onde lhes respondam;
colham a peixes mínimas mexidas;
regressem com o escriba à mesa do tempo.*

-

*Abria o livrinho,
que trazia para intervalos mortos,
abria-o, e lia-o sem detença.
Fazia uma dobra ao canto da página,
fechava-o, e partia.*

-

*Cobras
apareciam esventradas por carreiros,
crescendo lua.*

-

*Radiante claridade, na tarda tarde,
o Estádio borbulhando ansiado prélio,
prolongando um bru-ah-ah ambiente,
desprendendo modeladas vozes.*

-

*Premir teclas, intuir associações,
moer lembrança, acrescer sentidos
a reapreciadas palavras,
continuando atidos
ao que ao perto:
Fole fofo sopra.*

-

*13.x.1917:
A todos deu o nervoso da luz,
uns iam tombar.
Parecia flores d'amendoeira,
baloiçando-se o chão.
O sol deu um maior salto.
Tremíamos como varas verdes.
Perguntam aos miúdos pastores:
Não têm medo?
Não, respondem, com Deus Nos Senhor.*

-

*Se não caças ratos, que fazes aí, bárbara gata?
Mimas-me com lânguida descontração.
Pra que insciente te mire boquiaberta relaxas.
A lustroso pêlo repões lambido brilho.
Por soez desfaçatez, atriz, exhibes pura cor.
Não vá o sol matinal despertar-te a letargia.
Bicheza, imponderável sussurres o poema.
Registo a olhar feliz, ressoe, cantata dum vazio.*

-

*Miúdas formiguinhas, as letrinhas se encaminham:
Grossos óculos terão de ser os do leitor pra discerni-las.
Quietinhas, linha a linha, contornam sucessivos sinais,
até irem uma por uma ordeiras sorver o inesgotável fim.*

-

*Sons associam-se, e expandem;
truque alto, quase prestidigitação,
fazê-los bulhar aliteraões.
Em distribuí-los consiste engenho.*

-

*Régulo islamita a seu albergue
noivas cristãs, por lei e uso, reclama.
Simples fiéis, o feminino nome de Maria
a eles aflorado à boca em oração,
rijos, moços, animam-se a combate,
para resgatar apaixonadas.
Refrega crudelíssima se trava:
Sobre quantos mortos vão caindo
mariana mão derrama celeste bálsamo,
que, vida forte lhes devolvendo,
na luta os lança sobre árabe exército.
Sangue ruim de ver, chacina crua,
sanguinolentos, estrepitosos gritos.
Abrigou desde essa hora a Vila gente cristã,
que verdadeira Fé proclama.*

-

*Um dia mais a conhecer manhã;
divina luz expanda,
longe ressoe acrescida música;
flua invenção.*

-

*Reúnam-se palavras, corram consoantes;
nenhum arrepio a seus murmúrios hajam;
quebrando-se, depondo-se, conclusas ondas.*

-

*O lobo-do-mar,
investindo rigorosos passos p'la marginal,
à distância vai, olhos no farol.*

-

*Seixo rolado,
vezes sem conta batido das vagas,*

'isto'.

-

*Velhas róseas,
lavadas em água benta,
os ventres cheios,
a irem
à amêndoa.*

-

*Quem me dera a mim ser Controlador Aéreo,
pra prever aterragens e descolagens.
Bastante magno voo
acabaria por escapar a meu sondar:
Mesmo porque, quer queira, quer não,
sempre haverá muito mais ar.*

-

*Platão, Jesus, o Cristo, e Paulo:
Em Atenas o socrático filósofo
o etéreo à Ideia indicava.
Dias depois, pela Judeia,
Amigo ânimos demove.
Donde vindo o arrasado társio
no areópago ergue voz vivida.*

-

*O de Assis pai:
Doirado sonho o move a novo dia.
Pobre se torna o que é,
no Deus mantido.
A natureza ama,
que o conforta como a irmão.
Arrastando-se nu, por cru desterro louva.
António destaca
para tratar da Arca o Bom Saber.
Seu desígnio é dar, nada ter, esperar.
Morte amiga o conhece, exalça, abraça;*

à flor do humo subido outro Cristo.

-

Maximiliano Kolbe:

De Maria Esplendente Imaculada

'cartuchos' distribui a orientais confins.

Terminal medida sem azedume cumpre

até à cinza se dando,

para que antigo amigo na sua vez viva.

-

Henrique:

A cruz templária, no pano-cru das velas,

às barcaças soltas mãos esboçam.

Terras, céus, sopros, marés com rigor

se analisam, especulam, estudam.

A ousada variação, rumos definindo,

vãs conjecturas vai desvanecendo.

Do Infante obrigados, uns lusos nautas,

com areais atinando, inauguram padrão.

-

'Tenho

um docinho para ti.'

Avó-Madrinha

demandava-me

à parte à quermesse

com desvelos de seda.

Hoje me atraí

ainda,

desarmando-me.

-

Pesca:

Bogas, sargos,

sáveis, robalos

à água cativos.

-

A manhã

dum chilreio

bombardeio

inicia.

-

Canoagem

contra morna anomia.

-

Trepa a cumes

a que me incluo.

-

Tijolo a tijolo,

sobre o solo,

encho do sólido sol o livro;

andaimas venço à exaustão.

-

Arcanos do coração alquebram-se

ternurentos p'la cidade

ao deparar com as varredoras

das batas verdes;

cedo alindam ruas,

nupciais passadeiras

pra ventanias aladas.

-

Hipismo:

Transpor obstáculo

após obstáculo -

até chegar a repouso

à pradaria.

-

Que graça terá

cegar touro

contra vermelhão

e lhe desferir

nua estocada?

-

*Por Asa-Delta arrebatado,
quase se me varre da ideia
o forçoso descenso.*

-

*O espeleólogo
afunda-se
a si.*

-

*P'lo bar, as líricas juvenzinhas -
comuns dias,
elásticas pastilhas,
cafezinhos,
jogos d'azar,
mesa à janela,
saudável pasmaceira
regional, nacional, internacional -
conhecem-me melhor do que os consabidos
escrivães conformes.*

-

*Enquanto o Sado azula ondulações,
gaivotas bicam peixe à flor da água.
A amplo espaço abre-se o olhar
que à fera novidade vai.*

-

Boxe:

*Directos, defesa, ataque, golpes,
contagem decrescente até soar desfecho.
Um tomba exausto a nu tapete,
a outro, cambaleante, braço alevantam.*

-

*Pardalito, meu irmão,
vem cair na minha mão;
aquece-te na minha mão;
aconchega-te na covinha da minha mão;
debica de minhas unhas grainhas de romã.*

-

Aux Alpes:

*Suspenso do ar lavado, a amplo aspiro o grande poema
sobre a terra, pacífica extensão, palpada ida, eternidade,
réstia, vista, sopro, asa, estremecer.*

-

'Meus amigos, que desgraça nascer em Portugal.'
*Boi da paciência, que sempre reencontro,
amo-te e detesto-te até ao vômito.*
*Quisesse afagar-te os vis corninhos,
e ririas melífluo, como quem padece coceguinhas.*
Conheço-te bem demais, engenhoso atávico ruminante.
Conheço e reconheço 'teu minucioso e porco ritual'.
E ainda aí estás, a ti igual: Anos 0, anos 60.
*Marras agora, como já antes marravas,
no tempo em que te toparam O'Neill e Ramos Rosa.*
*Pronto resmungas, desmaias, fazes que desfaleces;
como em derricho; como se te sorrisse um incisivo.*
*Deixa-me que te diga: Com os 60, que conto, na passagem,
já não estou pra ti virado.*
*Mas, se é esse teu melhor gozo, envolve-me de blandícias,
revolvendo-me p'lo bandulho.*
Estou farto.
Desafias-me a que nem a relance te suspeite.
Tal nojo me mete a tua baba.
Tais emboscadas tramam a poético transporte, meu tesouro.
Cerre os dentes firme, Cego A Alta Luz.
A que aspiras, mansarrão?
Abre os olhos e vê:
Esses não são já os melhores dias.
Ateimas 'inda?
Continuas, boi boizinho?
Pertinaz aderente,
sei que só sumirás quando, por minha vez, me der o fora.
Espera sentado,

que vou ali, e já morro.

-

*Podes morrer: Que o sol continuará
sobre ondas explanando-se na areia,
a lua ciclicamente plenificando-se,
os montes, lombos ermos, maravilhando,
niñas flores espreguiçando-se,
vozes do vento, prenhes memórias.*

-

*Caíste indefesa prò covil
das cónicas facadas,
sorte madrasta, vômito ritual.
Prodígio fatimida, sol resplende.
Que não engendram comercializá-lo em embalagens?*

-

*Pela varanda de trás, surpreendo abelhinhas
frequentemente atidas às vivas flores rubras
da minha pobre sardinheira. Aí elas vão a florida
manutenção, para o mel dos dias de amanhã.*

-

*Pelas traseiras, na praceta,
passavam a cismar uns vultos sós.
Lembro de que nossas filhas andavam longe:
A arquitecta p'lo Mar Vermelho,
a actriz por Barcelona.
Minha mãe quebrava um braço na Costa Nova,
quando arrancava flores.
Isto por inícios de aulas,
vaguejava o papa p'la Arménia.
Acabávamos de ver
O Carteiro de Pablo Neruda.
E desabafava:
Apostada em cuidar-me transes, companheira?*

-

*Sólida árvore teu coração,
sólido ar teu olhar,
sólida ternura teu amor.*

-

*Estremecimentos,
meiguice,
o todo morre-se-nos.*

*Só somos divinos
quando admiramos*

*O Corpo Total
dO Cristo,
afiadíssima adaga
até alma.*

-

*Poetar é rezar,
levar a céus e terra
versos magoados.
Amor é animada ciência
de ter Deus,
sentido para quem abrasa a só candura.*

*A música, a luz, a linguagem
supõem intérprete:
Denote-se quanta fecundidade
embebe o cosmo.*

-

*Portalegre, Museu da Tapeçaria:
A caligrafia poética
consiste em completa teia
dia a dia tecida com os nós em lã
das todas as cores que há
por onde nadam algumas
vivíssimas sanguíneas gotículas.*

-

*‘O justo viverá pela fé.’
Como não cantar aquele a quem Deus basta?
Homem, palavra, amor, que olhos rasos abre.
Fé e decisão projectadas a alturas.
Por ventura lhe falta algum quê?
Não, supomos, a não ser transpor extremo fim.
Tudo tem pois em Deus vive exaltante plenitude.*

*Novos céus e terra proclame exuberantemente.
É o homem completo a quem nenhum bem falta.*

-

Vou para Casa:

*Irrequieto sapato novo
do provector actor avô,
entretém
pra pasmar;
entretendo-nos,
mortos.*

-

*Todos os anos
lembramos
abalados;
pó irmão
nos é igual.
Respiramo-lo.*

-

*Fátima,
Rainha,
somos filhos
mesmo
desgarrados.*

-

X) Louvor da Luz

*Da pompa
incomparável
engalanados
lírios.*

-

*Com saudades morre o entardecer.
Ao plátano folha cai.
Num raminho saltita um pardalito.
Perto vagueando perdem-se bambinos.
A sonhar bicicletas loucas uns pedalam.
Nuvens cor a café com leite imobilizam.*

-

*Folhagem bailando ao quê da luz;
jovens p'lo clima ameno
a tudo atiçam fulgurações;
um dia desperta expandindo-se
a apelativos recantos.*

-

*Esfuziante alvura a nascente:
Quase nos faltam olhos,
tamanho é o milagre.*

-

*Cogitam pardos patos
enquanto nadam regalados?*

-

*Barcos atracados,
às ondas, por margens.*

-

*Dos giestais floridos
a amarelidão.*

-

*'El mar del corazón late despacio
en una calma que parece eterna.'*
*Com pasmo se alonga meu olhar
pra perder-se na lisura do horizonte.
Sejam plenos, fundos, estes dias,
na leveza imersos encham alma,
renasçam do vago deslumbramento.*

-

*'Por cada flor estrangulada
há milhões de sementes a florir.'*
*Ergue-te, novo sol,
colora cantos.*

-

*'As estrelas mortas
apagam-se aos molhos.
Vem, lume perdido,
florir-nos os olhos.'*

Recreiam-se florações a lonjuras.

Reacende-se após doença

feliz enamoramento.

-

Sol sumindo a poente,

flor a tanger-nos ainda.

-

A claridade

imbricando suavidades.

-

'Sol nulo dos dias vãos,

cheios de lida e calma'

Contudo aqueces as mãos,

contudo animas a alma,

contudo, abrindo à nudez,

frémitos acirras.

-

Lobo no covil, o couraçado poeta,

fugidias imagens perpassando-lhe retina,

alucinantes incêndios versifica.

-

Cenário dos dias,

vazio imenso borbulhante,

vinho rubro ante o olhar metralhado.

-

Talvez lá tenhamos andado a sol e água,

no pleno fogo estival, por essas Ilhas Comores.

Ou talvez lá tenhamos deixado o errante olhar

p'la extasiada plenitude,

ou um breve relance lançado a mar:

Grande voo a sonhos, leves asas, acalmia, velas,

numa curva dalguma estrada rente ao oceano

mais do que pacífico, por onde alheadamente

hajamos derivado. Ou talvez que, desfeita mortal tenda,

por lá prossigamos indefinidamente.

-

Hoje, à plenitude do espírito,

*deixe imprimirem-se-me
paisagens intocáveis.*

*A calada presença constrange
a pôr final registo,
e louvar quanta maravilha.*

-

*Por uma força maior
até aos vãos dO Deus
ecos se acumulam,
porções epopeia,
considerável sobra.*

-

*Olhes árvores
resplendendo p'los passeios,
e intentes nítidas leituras.*

-

*A partir de agora
se aclare
a etérea rede
enredada
a alvorecer
milénio novo.*

-

*O todo envolvente eterno,
onde os olhos abrasam,
o coração estremece,
o verso vejo:
Deus se lê,
ossos florescem,
gorjeios soam,
paz acontece,
aos pássaros música.
O filme dos dias,
morte,
erva tenra,
viçosa esperança:
Ladainhas*

*se rezam,
linguagens
apontam,
devaneios
sorrateiros
espreitam,
o sonho mora,
o claro desenrola
candura nada.
Onde descanso afã,
alço-me a estrelas,
das flores vou indo.
Brinco menino,
cavalgo infante,
homem sigo,
ancião assento.
Entrementes
redigo
cinza, pó,
alento, jeito,
ante o tudo
de mim
mudo.*

-

*Gato brinca
amanhecendo,
esquivo pássaro afoga-se
na aérea luz.*

-

XI) Cantos de Intervenção

*Pragmático afã
em pôr uns quantos na ordem,
'boys' dão em aplicar-se a escalavrar o caos
do recente balcânico conflito.
Quando travam o gatilho, ouvindo coração?*

-

O miolo do pão:

*Bem se afadigam lavradores a sol escaldante
lançando na rasgada terra mínimas sementes.*

*Bem se dão incansáveis ceifeiras,
com golpes certos, à seara.*

*Malha-se na eira,
destrinçando na palha loiras espigas
e nas loiras espigas precioso grão.*

Mós remoem o que será terna farinha.

Afanam-se aclarando a noite empoados padeiros:

Amassadas, a forno levam fornadas e fornadas.

Inquietam-se motoristas e ajudantes:

Em carrinhas brancas trazem bênção à alta antemanhã.

*Cuidam comerciantes em abrir portas
pra darem a dinheiro desejado pão.*

*Cristãos rezamos aO Pai para o pão quotidiano nos prover,
porém no planeta da fome produz-se armamento e falta o bem pedido.*

Homem de boa vontade, olha o pão:

Quando o partires, julgues tu que ninguém ouve, diz obrigado.

*Talvez por sorte coração magoado multiplique por mil o cereal grão
até aos irmãos desesperados,
recôndita alegria.*

-

Zeca:

*Na tarde lenta recostavas-te pelos bancos corridos da CGD à Luísa Tody,
esperando que caísse na tua magra conta alguma pensão ou tença
das usualmente concedidas a Famintos de Paz.*

*Ar acochado d'anónimo kosovar a quem são dadas roupas lavadas,
sabonetes, pasta de dentes, toalhas, alguns desodorizantes,
ousaras soltar teu grito desperto de clarim:*

'Um rio de sangue do peito aberto sai.'

Pague-se-te, desta, a conta certa:

*Se, no fim, caíste, faça-se-te no talhão em que não cabes
reflorir das flores vermelhas da madrugada os frescos cravos,
pra que para sempre viceje da canção que és a chã certeza.*

-

Vá

*cada vez mais perto
do fim
sem professores
e sem mim.*

-

'...Feliz gente: Com duas realidades.

E eu sem ter nenhuma...'

Então, Zé,

em que ficamos?

Na sequência dos dias.

O caso é simples:

Estamos cá, mas não somos de cá.

Onde vamos não sabemos.

A que viemos?

A entendermo-nos por palavras.

O que conta?

A inteira verdade.

Disso que escreveste concluo:

Nem terra,

porque perdidos em grande entroncamento.

Nem céu,

porque olhos nos faltam

até à tenuidade.

-

'Viver estranho e isolado

num mundo que se pretendia

habitado e harmonioso

é viver suicidado,

viver morto vivo,

num mundo de nado mortos.'

Se os jornais não dizem o Reino de Deus

na China das prisões

que ninguém sabe,

nos lugares sem policiamento,

no cansaço de quantos

não querem armas,

e suam, sim, seu pão

*parco sem palavras,
no ignorado nidificar do amor,
no pulo até à Face Clara,
no Insólito Circo Universal.*

-

Víctor Baptista:

*Foste mesmo o maior na voragem:
O coveiro te olhou sublime, autêntico, camarada;
sob cinzenta farda, nó cego na gravata,
ao padre-nosso murmurado do cura,
te reconheceu, no íntimo, como és, seu e meu irmão;
lançou-te então boa pazada.*

Tiveste uma vez a tua mãe.

*Quando vinda manhã, por Sesimbra do sol,
o Jaguar estacionavas, junto ao bar,
pra beberes, co'a malta, os derradeiros copos.*

Vitória Futebol Clube,

Lisboa e Benfica,

*Desportivo Estrelas do Faralhão,
concitou-se maralha, feliz sociedade.*

*Jornais vomitaram teu nome em caixa alta,
com a verdadeira foto, em primeira página,
quando atiras duro para golo.*

Achavas já o adereço d'orelha.

*Olha, olha, louco varrido, quanto baste polido,
p'lo Bonfim galgas, Apolo montado num cavalo,
enquanto clareia além.*

-

'Remorso comigo mesmo, Portugal.'

*Ilusão madrasta que me mata,
condição que me morres o lugar.*

*Aproximaste a irreal cadeira,
a que me acomodasse.*

Diluíste, tornaste monótono o rigoroso fervor.

*Era fado tropeçar nesse remorso,
teu corpo irmão jactado aí à vala.*

Do deserto tóxico, ante a infestação do desastre,

*clareava, teimosamente, na fina tonalidade,
a quase mediterrânica feiticeira luz.*

*Umás mil e uma vezes fiquei ébrio desse quê;
outras tantas vezes aqui tombarei ébrio,
até renascer da poalha cremada que sou,
na aurora alçar, sumir enfim de vez.*

-

*Quando chegará o dia da Tua Festa Fraternal,
essa aurora, que te ergas gingando, moça louca?
Quando, em teus íntimos ritmos,
celebrarás o perdão do amor com lágrimas de alegria?
A humanidade te abraça, Pátria Irmã.
Do escuro, que ainda dura, aconteça alcançar-se
teu sonho demasiadamente adiado.
Ao calor dum novo sol te rebrilhe de esplendor a negra tez.
Na Festa te envolvas, no pó da veraz luz à clara Paz ascendas.
Reencontres-te, e exultes, Angolana Alma.*

-

*Cada pedra sobre cada pedra:
Será que surgiu novo Ceausescu,
escudado em razões com vil cifrão,
mais cinzenta, esperta, sinistra camarilha?
Clowns clonados, sem rosto, calculando a nota verde,
qual dentre eles se lembrou, ou todos à uma se lembraram,
mãos empapadas no pastoso dinheiro,
de mandar prà cidade que desconhecem com a ferocíssima ideia
de arrasar o nosso belo Estádio do Bonfim?
Mas pergunto:
Quereis então demolir a aérea varanda?
Não serão vossos cálculos ao haver a pura infâmia,
ante a limpidez amanhecida verde relva?
Acuso-vos; e convoco jornais, emissoras, Tv:
Apontem os desalmados e os seus tenebrosos planos.
Esmaguem eles armações, estruturas, e bancadas;
que não alcatifam os sorrisos às crianças,
nem aos jovens atletas, ou aos anónimos adeptos,
tão pouco o nimbado sol vivo nos olhos abertos das gentes,*

esplendor que converte.

*Ainda daqui te contemplo, qual ponte abalçando emoções,
catedral da rua alçando-se a estrelas, sustentado equilíbrio.*

Queiramos nós, homens povo, e esses tais senhores não passarão.

-

*Por rever, num documentário sobre o Dalai Lama,
derrubes duns 33 mil templos budistas,*

atrocidades sem conta contra o povo tibetano,

acabou por enfiar-se pelo edredão abaixo,

engolido um ponderado cibo dum Nozinan/100.

-

XII) As Cidades de Israel

Ruir o interior dos ouvidos -

tabiques - areia - cal - sons esquecidos.

Pedras sobre pedras, os dias asfíxia - as palavras iguais sob o ruído.

Abismo das folhas - Março ou Abril - o Jardim Botânico.

Todo o peso do rosto nas costas das mãos.

Rombos sombra - o retrato repete a abrupteza.

Velas - borrões - gente - 4 quilómetros pela barra.

Do mundo dos meses - telhas - papoilas - grades - tenazes.

Telhas - côncavas - convexas - convexas - côncavas.

Vertigem - fontes desmemoriadas - tudo - súbito.

A raiz dos ouvidos - árvores - ontem - candeeiros - sinos.

Exaustão - urzes onde os nervos verdes.

Uma vez um olhar - jogo água - as cordas febris - o violino.

Tijolos - estores - redes - andares de casas -

espaço escuro ante a parede branca.

Aereza - torpor surdo no cérebro - o ruído de sílabas dentro de mim.

Triângulos - trapézios - Mozart. Montes - lamas - dorsos - dromedários.

Azuis tons - Klee - the musician.

Estes versos torpes - malmequeres - vento - mudez.

O coração bater num cubo fechado - corredores sob corredores dor.

*Horas trevas - objectos limite - descenso dos sons num poço sem fundo -
três vezes Z cinzento.*

*Luzes facetando-se - um clown equilibrando-se num arame cortante -
quase nada - infinitamente.*

Os dias seguidos - agudezas - dedos - losangos - vidros.

Cruzeza - grãos poeira - partículas caspa - caracteres tipográficos.
O soalho - agulhas - sons opacos -
os nomes das pessoas conhecidas nas paredes.
Os nós dos ossos dos dedos - o peso dos ombros.
Roseiras - barro - lájeas - garagens - ouvidos ar.
Os cabelos soltos - a nuca - nunca - sim - hoje.
Verde a relva - verde a relva - verde.
I know your name. Your name Is. I know. You know. I know.
Os ferros, os muros, os cimos altos, eu sei, não sei as horas deslumbradas.
Dos átomos os átomos - das constelações as constelações.
Obsessão dos sons - os cotovelos roendo-se nas janelas.
A manhã - a cidade - larga a avenida.
O telhado - da chaminé a cal - o beiral de lata -
a lonjura branca - a gelosia. O ângulo da mesa - o azul e...
Flamingos - lagos - voos - cortinas - dedos - unhas.
Pouco a pouco o poema trabalho.
Braços - tijolos - redes - mínimas gotículas - duma criança a fala.
Estradas - bicicletas - letras.
Tectos - estantes - portas - carris - lápis - estrela.
Escusado dizer noite.
Na areia o sol por entre os ramos d'ar.
Escadas - chuva - resto de rio que vi.
As mãos - o alcatrão - um operário - o corpo - a sombra - um cigarro.
Aço - tábuas - inexistência. Ponte - longe perto vultos - areal.
As palavras que faltavam - as palavras que faltavam -
Maria - Manuel - Deus connosco.
Rapariga - rosto - olhar - uma vez - para sempre.
Cândido Portinari Cândido - duma cor doutra - uma cor noutra - neutra.
Ouvi meu canto - ouvi meu canto - ouvi.
Irrepetíveis voos - um número indefinido de versos desiguais.
Canaviais - juncos - vento - vimes. Òa - aòr - o terraço.
Esguios choupos no ar nublado.
A instantes existo e o azul - a terra barrenta além - a pele.
O poema sucedendo-se sob estrelas.
Restolho - fragas - estevas - vasto negrume - extensa noite.
Aéreos suspensos lapsos.
Ausência - montes - o poema quarto. Os sapatos - os óculos - os anjos.

Um naco suado de pão. Ámen.

O tempo - do Deus o tempo. Esse tempo - este tempo.

Kz-kv-z. Oh.

-

Seguindo o casario,

qual lençol,

o rio decorrendo.

The white clown Chagall:

MA JOIE.

-

Gotas de água

por escorridos vidros;

a rubro raiado poente.

-

Semblantes sumidos

sob chapéus-de-chuva.

-

Repetidamente

a paragem do eléctrico,

imagem mesma

repassada,

sonho nada.

-

Madame Maar:

Olhos tortos

esgotando-se;

sons prolongando-se;

um rosto maior

do que um livro;

uma torneira ininterrupta.

-

P'lo tempo revolvido no olvido,

contarei as loucuras possíveis,

os enredos, p'los teus dedos, sim,

p'los teus dedos lã.

Ficaremos os dois, os sons, os ossos,

em arco abrindo-se-nos os braços.

-

Ah,
teu devastado olhar
fixa o demorado mar,
revolto um vento.

-

Os jogos infinitos,
borboletas adejando
tonturas.

-

Teia de aranha
na parede esburacada,
um canto, desperdícios,
uma aldeia em Trás-os-Montes.
As bicicletas não andam.
A humildade é um verme familiar.
Com cerveja e fadiga nos vamos vadiar.

-

Sombra intocada
num papel
sem nada,
bermas à luz falsa,
as costelas partidas,
publicação a sete cores.

-

A contemplação aborrecida:
Nem o abandono inútil,
os pés adormecidos ao peso,
a desolação imensamente plana,
a apatia sem nenhuma saída,
o travesseiro dos bons dias
muito obrigados,
os dedos na queda,
os tectos para o pavor:
As crianças não têm culpa
d'entrementes cabecearem tontos sonos.

-

*A periferia dos tubos,
e um peixe.*

*Os círculos fechados,
o ateadado cristal.*

-

*Para a mulher povo, que não é notícia,
queria uma canção com as mãos dadas.
Quem me cerrou numa esfera de azedeza?
Deixassem-me ignorante, saberia uma canção,
sem nome uma canção, braços, ancinhos,
arados em riste.*

-

*Acontece-me ficar sentado a tarde toda,
a refazer os gestos gastos.*

-

*Páscoa
a morrer flores,
ecoando vãos por grandes casas.*

-

*Mulher,
leve toda a manhã
a sonhar tua viagem.
Tu és o meu poema.*

-

*Sereno fundo do lago,
num sono brando
de Outono ao abandono.*

-

*Perdeu o nome a existência,
disco rolando incansável.
Numa aguarela, dum tal Mendão,
a praia em ébria insolação.*

-

*Alegria de amar:
Os noivos na madrugada
deitaram fora os poemas:
Tinham resolvido o amor,*

as janelas rasgadas:
Resolveram, decididamente resolveram.
Os olhos ventoinhas denunciam terra.
Não faz bem às pessoas certas ver nudez;
morderiam as bocas todos os dias.
Encontraram-se a primeira vez sós num espaço.

-

A aldeia em pensamento:
A que distância
as casas mais próximas da sua;
a angustiada voz
desperta;
a rapariguinha,
o prado adiante;
pedrinhas da calçada
a desinquietarem infância.

-

Vou a um outro dia,
com pernas para a frescura.
De deambular por fora,
longe do meu canto,
esqueci, há muito,
a humilhação poética.
Diluí-me em abraço,
no povo, mais do que na letra.
Evado-me de idear
quanto me nega.
Vou esquecer-me
de emendar a fantasia,
seguir ao rés da terra
p'lo tishado dia.

-

Desenrolando vou
a acção obscura:
O amanhã trará
outra cor.

-

*Cidade, com teu cais, luzes, ruas, jardins,
largos onde descansam olhos,
claridade nítida para pequenos nada,
tais como fumo, água, café,
que intervalam caminhadas,
pesos, lutas e surpresas.
Para lutar há não só praças,
escolas, recintos, fábricas,
casas cheias da memória,
mas uma vontade grande de ver teu corpo limpo,
crianças pisando-te despreocupadas,
operários erguendo não já o que lhes pese.*

-

*Plantas dos pés assentes
sobre este pedaço de terra,
paisagem
do anseio pacífico
doutra esfera,
os olhos desenham-me
a variegada imagem
sem guerra
que num O se encerra.
Chão, carpete ou azulejo?
Chão dos dias vedados
a trajectos ínvios de desejo.
Estou inteiro e nu, suspenso da escrita possível,
voo que a morte erguerá pra lá de mim.
Aqui medito a condição humana e a estatura:
Terra dura.
Um som através esboça a ouvidos o cenário em papel:
Desperto sonhar a música a me revelar.
Deixo-vos recado:
Nação estrangeira,
pacífico bocado aqui vivi.
Vou a outra margem.
Não são horas de variáveis devaneios,
só uivos na noite que nos cobre.
Memória sobre.*

-

*Súbitos nas antemanhãs,
os Alados irrompem, logo que nos soerguemos da cama.
Lembram a paz,
a calamidade,
a dor,
ou a redenção?
Lêem o livro
interminável.
Umam mil e uma vezes lêem,
treslêem,
para lá,
o Livro Escrito.
Porque lhes apraz estão de pé.
Cada criança ferem com essa Íntima Força que nasce Coração.*

-

*Será que os anjos pisam a seara fluindo no vento?
Se a pisam, é assim como se voassem, com sua espécie de ar.
Constam de quê? Sopro? Ânimo trémulo? Só leveza?
Velando solícitos subtilezas íntimas indiciam.*

-

*Guia-te o sonho o desassombro,
aladas presenças sobre pálpebras;
com salivado pão te reconheces.*

-

*Folhas trémulas, em círculos de vento.
Esperas ainda?
Faz-se café.
Crianças gritam duns fundos.
Árvores renovam-se nos passeios a quem passa.
Freme folhagem, sobre a borda,
junto à ponte.
Uma circulação intensa sobre pneus.
Flores coloram as bermas dos carreiros.
Passam uns trabalhadores com suas camisas garridas.
Umam moças, com as batas, umas enfermeiras, ou colegiais.
Algazarra, cores, ruído:
Tempo do novo amanhecer.*

*Não sentes o vagaroso apelo?
Desafoga-te, anda!
Há jornais, livros, pão, palavras.
Lança-te à rua.
Não guardes nada nos bolsos.
-
Já as cegonhas paravam por seus ninhos,
sobre olmos,
enquanto as águias planavam, a plena altura.
Findava a Primavera.
Concluídas aulas,
comboios regurgitavam
com quantos regressavam a férias.
Motociclos dobravam esquinas.
Felicidade sondava dentre choupos.
Galhos de nespereiras agitavam-se com aragem.
Muito ainda a que lançar mão.
Acordarias?
Deixarias, sombra, as paredes fechadas do teu quarto?
Darias as voltas necessárias?
-
Amontoam-se livros, caixas, isqueiros.
Para a gaveta ficar arrumada há que fechá-la.
Calcetam-se pavimentos, plantam-se árvores de flores
resplandecentes p'lo deserto cimento.
Ouve-se um ruído:
Alguém a riscar ferro.
Cafés às moscas.
Autocarros regularmente certos.
Estores caídos, largas janelas.
Computadores desligados, camas vazias.
Alunos em salas fechadas.
Motos, ruídos, cães, e automóveis.
Agressão?
Estranheza?
Apaziguamento?
Se saísse tombava apavorado.*

-

*Do crepitante lume:
Voltas que dê cá regresso;
afãs se esvaem.*

-

*Desequilibra-se e cai
o regente de orquestra.*

-

*De bem longe vem,
e está à porta, o homem -
cabelos brancos,
rugas cavadas, testa alta.
Traz paz o homem.
Deixem-no a caminho
até para lá da porta.*

-

*Escurecendo a cidade exaustamente,
as ruas das casas arrefecem olhos,
e afirmam-se nuas as pedras.*

-

*Mordi um dos teus cabelos.
Vento agora?
Sim, porque a noite,
sim, porque a manhã.
Éramos os dois
jovens quaisquer,
e os carris precisamente.*

-

*O mar
nos ouvidos,
durmo;
se
entretanto
acordo.*

-

*Brando ser,
poema*

*pleno,
flor
leve,
breve,
à tona
de ar,
para lá
de monte
e mar.*

-

*Montes
dormentes,
giestas
vergando-se;
uma fonte
na neve;
imensa urze;
verdes
castanheiros,
ouriços
carregados.*

-

*Dá trabalho ter a casa em dia.
Até correr cada compartimento,
e achar cada coisa em seu lugar.
Há sempre um papel a jogar fora.
Tua casa esteja em ordem:
Arruma-a, cada vez que precise.
Guardes lá um recanto onde medites.
Livros, palavras, sons
para as horas mais longas.
A porta da entrada aberta ao melhor amigo.
Que o mundo se restabeleça ao contacto fresco das paredes da paz.*

-

*Entretencido nas pequenas rotinas,
tais como barba, banho, café,
retomo o fio à quotidiana sequência.*

-

*Trouxeste sabor a mel a meus momentos desolados.
Devolveste-me ternura ao olhar magoado. Obrigado.
Se algo te dei, em breve cambiar palavras, ou num jeito de atrapalhação,
guarda-o para ti, como eu guardo a graça que me deste, e nem sei dizer.
Os passeios que dávamos, antes da doença a consumir-nos exaustos.
Ao repetir teu nome sei, trazido de volta,
o tempo das gloriosas primaveras.
Foi bom rever-te, agora que regressaste à cidade plana,
repleta com o eloquente azul do teu olhar,
por onde se entornou o vinho dos sonhos.*

-

*A Otília:
Por abraçar-te última em meus braços:
Estavas desde início comigo, não te esqueci, enviada,
força estabelecida sob ângulo da nossa casa com uvas.
Assim fomos nascendo do grande nada,
lágrimas, sorrisos, perdas redimidas,
na alegria feroz das horas, companheira.*

-

*A maior alegria de Isiéli,
a trapezista triste, está em saltar impossíveis,
pra lá da cobertura, dum arame ténue, até pairar,
alta, por entre cintilantes estrelas.
A maior alegria de Isiéli, a trapezista triste,
está em ir, sequer em sonho, até pra lá da lona,
entre fios e luzes, pra voltar ao chão,
e andar somente, ligeira como se voasse.
Isiéli caminha por seus afazeres como em puro voo no trapézio,
em busca da paisagem única,
que lhe apresente o limite do amplo estrelejado céu.
É-lhe necessário ponderar fraquezas e forças em pleno salto.*

-

*Lembrar-te ainda na varanda,
atravessando-nos a hora a despedida,
me faz romper a mudez entre montes perdido:*

*Pra falar do memorial no coração
gravado a golpes fulgentes a espada:
Abundante pão até todos os meninos,
o fragor dum tronco, fúria irrompendo.*

-

*Mulher Mãe nos co-redime
para os braços em sangue do Filho,
a erguer-nos dum chão de baionetas.*

-

*Senhor do Bonfim:
Aí acima estás, erguido em cruz, em Teu lugar e dor.
Dura dor Tua dor,
que é dor, e morte vida,
por estares aí assim
morto trespassado.*

*Mas arrebatasTe-nos até a Teu tão alto aterro.
Em dúvida aqui venho, mudo desolado,
faminto da Esperança
que ficou desde a Tua vitória sobre o Fim.
DesTe ao bom ladrão lugar cimeiro,
à direita imensa dO Pai.
Vá conTigo também meu coração.*

-

*‘A verdade far-vos-á livres.’
Libertará aqueles cujos nomes constam do Livro da Vida,
porque passaram a grave tribulação: Suas túnicas, branqueadas
no Sangue do Cordeiro, torturados, gaseados, cremados,
cinzas dispersas, da ignomínia reviverão.
Crês isto contra senãos e desesperanças?
‘Adeus, Príncipe, pela primeira vez encontrei um homem.’*

-

*‘A ti, sentinela, constituo vigilante da Israel Família.’
Não te excuses repetindo: ‘Acaso respondo p’lo irmão?’
Se não o alertares, e ele cair, com ele cairás.
Se não fizeres soar a trombeta, haverá ruína na casa:
A ti pedirão contas. Se não proclamares o aviso em tempo,
às profundas pagarás pelos teus porque não vigiaste.*

*Se fizeres soar o som, o seixo branco, que tens no punho,
te encherá, redobrada alegria, transbordando paz.*

Que a Rocha te não destrua: Aponta-A:

*Ela te será o bem mais precioso,
o tesouro escondido, por que tudo deixaste.*

*‘Senhor, eu não sou digno de que partas pão comigo,
descansado sob este tecto,
mas a uma só palavra Tua,
ou a um aceno Teu eu serei outro.’*

-

Cerejais, 4.i.70:

Forte e subterrânea convulsão, repentino estrondo surdo:

De sua força íntima, brusca uma árvore se eleva do chão.

*O anjo, com a espada, desce a últimos confins da Terra,
transportando na hora à geral devastação a ira e o furor justos de Iahweh.*

*Seu escuro, fundo olhar fixa o então dormente mortal,
que num estremecimento do susto se fere da estranha, benévola mágoa.*

*O Filho do Homem, esplêndida nudez trespassada,
abraça, num vaso transbordante, muitos meninos abortados,
derramando leite, mel, um doce pão a saciar-lhes as mortes.*

*O pão é dor do homem vivo, sanguíneo vinho dum flanco,
tortura que vitima o pacífico anho.*

*Logo desperta, enxugando lágrimas, o peregrino
do oriente, regressado aos seus.*

*O Livro a donzela relê num milésimo fragmento de segundo;
bem alta, olhos caindo sobre o tecido texto, assiste insuspeitas
oscilações à alma na feliz ultrapassagem da eternidade.*

-

*De hoje em diante, José,
a ternura, o esforço,
o Abril nítido repetido;
até quando o secreto sonho
nos acordar.*

-

*Alegria profunda,
eis a verdade,
um menino inclinado*

contra a parede.

-

Sons ante a mesa, lisa frieza;

manhã povo espaço

a percorrer-se.

-

O amante dos tapetes

convive com as noites.

O apaixonado das águas

ressona profundamente.

-

Adormecida

a longa tarde,

na chinfrineira

do bar

me afundo.

-

Largo de Jesus

à chuva dum Verão,

distanciando-se a

pequena mão

da menininha,

num aceno ao pai,

que resolve uns

pasmos estremecidos.

-

Pena é

que a agenda aponte emergências,

contínuo divertimento, mas não determinação.

-

La Chanson des Vieux Amants,

enquanto explode sol pelo afogueado Ribatejo da CP.

Antes alheia, te dás, e acompanhas-me,

prece ensonada, coração dolente:

Vivemos, lentamente, o que em disfarce nos foge,

tanto quanto a ânsia alcança:

A aventura, a viagem,

*quando os bravos pinheiros deixam antever o azul,
e a melodia morre-se, e os gestos se desvanecem.*

-

*Poesia
insinuas,
se horror
te domina?*

-

*Uma, duas flores lilás,
num retrato da infância,
na carteira de trazer;
a lâmpada reincidindo
na cara entalada,
a sombra rodando
sobre a mesa;
o segmento talhado rigorosamente,
o aparo, à amarga indiferença;
a nuca é um ponto muito vivo,
disse, e voltou-se, o amigo;
os braços doem,
o psiquiatra é um senhor
envergonhado.*

-

*'He was a friend of mine.
He never knew my name.'*
*Ir a outros dias,
sinos tangendo,
chilrar dúbio
na madrugada,
seguir a teimar paz.*

-

*Deparando-se com
erros sintácticos,
sem se importar com a testa,
sem literatura,
o último poeta evidentemente escreve:
Meu país, morto sol, pão exangue,*

*poema exílio, dolorida mágoa,
fúria térrea, doido amor,
neve ardendo em mãos estafadas.*

-

*À sombra de árvore
alguém descansa,
bambinos sumindo-se
por dentro da folhagem.*

-

*Dentro,
ouço e
sento-me;
retoma-se
a movimentos
espaçados
a mesma
imensa mesa.*

-

*A tarde toda o avô contava histórias.
Aturdidos, ensonados, na infância dos sonhos,
devorávamos o mel à narrativa, que sempre concluía:
Ainda além vai a raposa, a correr a sete pés.
O avô apontava para um longe:
Meus olhos arregalavam-se
para o mais pra lá da abrasada varanda:
Eram montes sobre montes,
insolados, quentes, graves dorsos,
arrasando-os maravilhada aridez.*

-

*A flor nua
no ecrã
desenrola
anti-enredos.*

-

Dedilhados

sobre larguíssimo teclado;

pára a tarde:

É a felicidade,

ou uma vontade de chorar?

-

Deitados na palha, na eira,

ao bafo quente daquele Verão,

olhos ao céu estrelado,

rumávamos a amotinados lumes.

-

Fazemos uma grande concha,

dedos entrecruzados.

Os pescadores, por perto,

perguntam-nos coisas.

Cobrem-nos com redes a tristeza,

trazem-nos dos raros caranguejos.

-

Onde és,

além do teu lugar,

nem pensando,

como abalada.

-

As rosas

brancas

beijam-nos

completas.

-

Tanto enlevo

termina nos teus dedos.

Somente teu olhar irradia dia.

-

Chuva no alcatrão,

alma latejante.

Descobri contigo

a excepcional

prossecução.

-

*A moça me espera,
vou levá-la a passear.
Palavras não contam,
conta é viver.
Não se me atrase o poema.*

-

*Sucedem-se
abruptas
súbitas
esquinas.*

-

*Querer bem aos torpes aranhões,
do oficioso vagabundar.
Roubassem-nos a casa,
ficava o luar.
Chato o piolho, e o cogitar.*

-

*Manhã serena,
Stockhausen debaixo da cama;
o céu, igual a uma mulher amodorrada,
cadela com cio.*

-

*Tenho para ti que o cinamomo,
árvore de difícilíssima declinação,
te somes estelar;
talvez sim ou talvez sim.
Tenho - para ti - que os surpreendentes gestos.*

-

*Bilhar às 3 tabelas:
Moça pintora,
como está mais a sua má consciência socialista comunista?
Bizarramente acordada?
Desenterrada da cama?
Tome nota de que a segunda-feira laboral poderá começar bem.
Apresente os meus cumprimentos ao inspector Falcão.*

-

*Damo-nos conta que somos aquém escrito, visto que
os maços do tabaco não trazem imprimidos poemas.*

Embarcações, monte, Viena, Praga,

Budapeste, pó, neblina.

*Confusão ocorre ao explicar
como morro enfermo nos teus braços.*

-

Percorres ruas,

tristes alegrias resignadas,

com os jornais diariamente.

-

Jarra à roxa luz,

recolhimento,

na branda mesa

enredada renda.

-

Não vou dizer-te

quanto te amo;

sabe-lo bem,

doutro dia, noutra estrada,

a outra hora.

Gente seguia sorrindo,

cambiando multiplicadas palavras.

Nós nada dizíamos;

íamos, vagueando alegria,

atrás do pó.

-

A esperança de ver-te, se der por isso.

Étaix, sábado noite, circo,

rumor duns pombos,

sentamo-nos saltimbancos

na tromba do elefante anedótico.

Sós as árvores não constam.

Pedis-me um abraço, não sei, isto é cansaço.

Tu a atravessares apressada com um sorriso perseguido.

-

'Os pobres trabalham cedo.'

- Algum poeta escreveu.

*Se manhã, já dia, é belo,
no trabalho não entendem.*

O trabalho, os braços, os braços, o futuro.

Esperança, alegria, alegria, esperança.

*O pão dos pobres é duro,
duro pão o que trabalham;
tanta lágrima lavrando.*

*Quando é que o sol se reparte
neste profundo alçapão?*

Os pobres trabalham cedo.

Terão sol por aqui, p'lo ermo cego.

-

'Aujourd'hui je suis loin, mais je reviendrais un jour.'

*Raparigas dançando num terreiro, noivos a um comboio
determinado.*

-

Mesma quietude a dos pulmões -

do fim para o princípio rescrever até chegar a além - não mais senão

a esperança num sorriso breve -

um dia outro, gemer do violão, aldeias demasiadas para um só cantar -

pássaros e nuvens nos olhos fontes -

alheamento mórbido - um corpo prà rua atirado -

um sono dormido inteiro em tuas mãos -

terra irrompendo em carne brônzea -

desdobrando-se p'los levantes -

lado outro sem margens - leves tangendo sinos - chilrear dúbio -

a manhã - o alegre vaguear - inerte vacuidade - aragem desmedida -

aves - voos - um seguir versos - repouso a cansaços vãos -

a solidão - porque não morres - mundos soando pra lá o encantamento -

e o furor - noite gelo tranquila a medo - mar expandindo -

linguagens dos arbustos vergando-se -

ruas percorridas a cismar - só a mesma mesa no café -

acaso sem história duns bons dias - a neve se suspende -

árvores a florir - enquanto paredes descansam -

algo que se interrompe - ou uma vontade indefinida -

*múltiplos enredos - restar - aquém - o só intermédio -
gélidas estrelas dormidas - agras urtigas -
topar - num súbito - como as pessoas de ao pé de nós desaparecem.*

-

*Usina d'azedo silvo,
um borrão negro sobre a boca.*

-

*Louco amor,
teus olhos,
buracos deslumbrados,
irrompem dum bocado de mudez.
Não precisamos de olhar
pra cima ou pra baixo,
mas em frente.*

*Delineamos sinistro rotineiro filme diário -
figuras apagadas,
que inúmeras -
uma câmara sobre a cabeça,
outra sobre o coração.*

-

*Ossos estalados
dos dedos,
super-esquisitos
devaneios,
sono inteiro,
nas tuas mãos vazias.*

-

*De cordeiros
a rama
a baloiçar.*

-

*Era anjo ou lua?
Terra ou céu?
Caminho ou rua?
Terra e céu,
a minha rua.
Vestia branco,*

ou vestia lua?

Anjo branco?

Mulher nua?

-

A avenida

subvertida

por monocórdico

arrulho.

-

Porque lê

trémulos ais

intuis fulgurações.

-

'O teu sorriso

leva-me sempre

para junto do mar.'

Ventre magnífico,

noite genetriz,

onde tudo acaba e principia,

onde ocorre o claro dia.

-

Algo avoluma distâncias, dá relevo à montanha.

Que haverá longe ou perto que destrua exílios?

Paredes em pedra, a cal da cor,

invólucros da solidão sonhada.

-

António, o poeta louco,

ditou-me os seus últimos versos:

O governador dos céus estava ali,

e um livro para ascender à pátria verdadeira.

Árvores dançando p'lo ar.

Pescadores chegam em romagem

pra beijar a mão à Senhora das Naves,

que embala ao colo o doce Filho.

Pássaros nidificam onde abre a flor

frágil à donzela.

Haja no pequeno reino paz:

Quando eclodir a Boa Esperança.

-

Diversas palavras

por estantes debatendo-se,

medicamentos certos

pra sonolência.

-

Frescas, simples,

tais quais coisas,

aí mesmo à mente,

a estudar sempre,

a desvelar de outras

inesperadas palavras.

-

Fui padrinho do Zeferino,

e minha irmã madrinha.

Com nossos verdes anos

sentíamo-nos investidos.

Hoje meu afilhado

é engenheiro da Câmara.

Minha irmã partiu sem jeito,

dum tumor no cérebro.

Por mim aguardo o que vier

para que conste poeta.

-

À saída de Coimbra um missionário do Leste

deu-me uma boleia e, na despedida,

um ícone muito especial, que guardei.

Tinha uma oração para o coração.

Dizendo-a adormecia e acordava,

numa repetição contínua.

-

Conviemos em que o falar descambava;

concordámos em passar p'las brasas;

*quanto ao que tivéssemos
a acrescentar
não importava.*

-

*A rede balança
na seiva,
na árvore,
no vento,
na dança,
na erva,
na aragem,
corpo sovado.*

-

*O bom papa João
ante o interlocutor
bem ouvia,
intimamente
sopesando
que dissesse.*

-

*Pipilarem
negras
andorinhas
dum límpido
cristal
pelo ar
desmaios.*

-

*Joga-se ténis;
baterem-se bolas,
a ecos espaçados;
nenhum telefonema
nas imediações;
portas fechadas contra a rua;
provisões, com os vizinhos,
nos elevadores;
televisão desligada;*

*réstia campestre de paisagem;
máquina da escrita arrumada;
o inenarrável antigamente dum andar.*

-

*Talvez que certos gestos não contem,
mas que, palavras duma palavra, povo emergindo,
noutro astro, sem qualquer prazo, juntos acampemos.*

Necessário consumir o violento grito:

Atrocidades, tortura os poemas clamam.

Paulo vi ofereceu tabaco a Podgorni em reunião à mesma mesa.

Porque há o Vietname, electricidade,

guerra química, marés negras,

refugiados, desalojados, perseguidos, deslocados, napalm,

genocídio, carbono, bombas, estátuas, dias e noites sem sono,

peessoas detidas por ideias.

Navegar estes tempos com uma doença ansiosa

serve de entretenimento contra silêncios mastigados.

-

Ao jardimzinho

eu e tu íamos expeditos;

claramente acordado,

um sol expandia.

-

‘Se O omitirem,

as pedras e os meninos O gritarão,

loucura para o mundo,

sabedoria para os simples,

única medida.’

Ser-vos-á servida quantidade acubulada, a transbordar:

Fará com que vos senteis à mesa, preparará refeição,

e vos atenderá, caso estejais vigilantes, dias, noites, cingidos

rins, vestidos com rigorosíssimo traje, e compunção.

‘O sol se deu resplendendo,

as boas e as más horas,

igual pra justos e injustos.’

Não criastes, artistas, filósofos, economistas,

estudiosos da praxis, sociólogos, um mundo ao avesso,

*sufocados p'la vossa absoluta cultura,
com o Sim e o Não a equivalerem-se?
Que é daqueles que tratastes de somenos?
'Um Brot, um Brot, um Brot.' 'De profundis clamavi.'
Donde esse vosso estranhamento perante a morte,
outro tempo, natural como respirar.
Pedi que a Hora não vos interrompa em meia viagem.
Alcance-se do Amigo Único A Antiga Palavra:
'Venenos, espancamentos, pestes, serpentes não temereis.'*

-

*Trânsito, vidas esquecidas.
Trabalhava num lugar frequentado por argelinos e indianos.
O alojamento ficava perto da fábrica.
O sol batia a jorros.*

*A cidade, confusão, ruído, fumos,
néon, jardins, amenidade sossegada.
Travou amizade com Dubsveck,
um eslavo de infância amargurada.
Regressou depois, fazendo paragem em Marselha,
com o Vieux Port, a Marina, a ampla Cannebière,
a lua lindíssima sobre água.
Tabiques, esbatidos reflexos, o melhor tempo.
Serenidade, ondulações, suave orla.*

-

*Vertentes do pastoreio:
Nas margens do Sabor
a rosa ousa
do incessante
vaivém o rubor.*

-

*Rememorando
o Menino das linguagens
e ubiquidades,
que, de brincalhão travesso,
se fez um homenzinho bem comportado,
eternamente novo, sempre Inominável, igual ao Pai,
e peregrino da terna eternidade,
que entregou, à vida em flor*

*dos renascimentos da contemplação mais pura,
despojada, a melhor parte do que aqui nos coube em parte,
enquanto gastos arrojamos
a comum miséria calada e quotidiana:
Se aniquilou ao mínimo, picollo, ponto:
Senhor dO Viçoso Coração dA Mãe,
onde, Escondido, nos guardou
os vivos motivos da saudade:
O alvor, o sol,
a água, o pão, a paz,
o ar, a amizade,
o amor,
o vinho, o azul, o céu,
os estimulantes caminhos.*

-

*Carlo e Dora:
Embrenhado dos fumos o café.
Carlo rascunhava uns desenhos.
Afinal gostavam ambos de cinema, flores, iogurtes.
Estavam a despedir-se.
Ela levava para o quarto aquela tela azul.*

-

*A casa vazia, o quarto nu, o tijolo argamassado,
a janela afundando-se num céu desconhecido,
que desde um claro vão se divisava.*

-

*O dinheiro contado.
A mala pesada.
A muda de quarto.
Paredes que se apertam.
Um cão lá por fora.
Abjecção, náusea.
Hora de alçar.
Zunido insistente p'lo escuro dentro.
Quilómetros até romper manhã.
'Eu Sou A Imaculada Conceição.'
Figura iluminada num portal.*

-

'Pode sair!'

*Cisnes desmaiando estagnadas eternidades;
laranjadas num sórdido quartel por Campolide;
monstros nas funduras marinhas da Tv.*

-

*Celeste tomara conta da sua vida
como se duma verdade total se tratasse.*

Restavam-lhe os sonhos:

*Em margens livres, esvoaçavam aves feridas;
deslizavam férreos comboios;
irrompiam das altas penedias cascatas a precipitar-se;
labirintos, cidades nunca vistas, destroçadas,
onde se perdia e encontrava;
cataclismos, desabamentos, conflagrações,
reuniões, políticas quezílias, susceptibilidades,
discussões familiares temperando doridos tédios;
escritos evocados, mentalmente torturados,
surtos ecos repentinos, precisões subtis,
ardilosas provações, piscinas, plenitude.*

-

*O entardecer p'las árvores,
suavidade, chinfrim, pardais,
interminável, angelical melodia.
Arrancado a um texto de Pratolini,
um sórdido bar, onde uma mulher
ainda jovem ingeria limonada.*

-

*A pastorinha veio às flores.
Encontrou elefantes, malmequeres,
papoulas, borboletas.
A pastorinha da cara preta.*

-

Scherzo:

*Dêem-me água e negro café após sono,
dêem-me música que me intervale goles bebidos, e baforadas
que entrementes se engolfam pulmões dentro.*

*Café, água, música, cigarros
e, claro está, a minha mesa do canto.
Por favor, com este calor, não se esqueçam de ligar a ventoinha.
Aqui respiro meu ar, com o ar do meu cigarro,
raízes minhas, que também vivo no pó.
Oh o egoísmo de ser-se como vento ou chuva,
fruir-se pura e simplesmente.
Não me puxem pra trás a cadeira enquanto me sento:
Convenhamos em que tais brincadeiras,
dum péssimo mau gosto,
só cabem em certas fitas.
O resto está certo como a morte,
ou a como força da vida,
como a liberdade, o amor, ou a graça.
As contas ficam em dia
ao desembolsar as exactas moedinhas
com óbvio 'obrigado' p'lo serviço.*

-

*A última bandeira,
embebida em sangue mártir,
nas mãos sobreviventes
das crianças,
esvoaçando ao vento
a bramir após trovoada,
iluminada como Maria,
lá p'los Cimos.*

-

*Desmaiada lua,
não me escondas
o rosto até à cinza;
dá-me a sonhar
derradeiro abraço.*

-

*Árvores magríssimas,
arranhões, furor, crueza;*

*impossível cantar senão
após árdua jornada.*

-

*Que não esqueço
aqueles amigos desconhecidos:
Vieram cá a casa fazer um telefonema
a uma hora a que os cafés fechavam.
Que queriam pagar.
E entraram, e saíram; entraram, e saíram.
Mas arrecadem lá os trocadinhos.*

-

*Sei tanto sítio onde vermo-nos,
porque ante o mesmo portão,
as mesmas canções ausência,
os muros, onde crianças
vadias grafitam a palavra PIÃO
com as letras ao contrário: OÃIP:
Brincadeiras da incomunicabilidade,
um trabalho que cansa antes de ser-se,
inúmeras barracas no horizonte abismado,
portadas, janelas, brancuras mar,
aborrecedores holofotes.*

-

*Um fim de tarde
na praia
uma mulher
falou-lhe,
o cântaro
descansado
na anca,
a exagerar a postura
tristemente.*

*Uma ideia
às vezes atormenta.*

-

Lembrar-te a rua,

*percorridas pedras,
borboletas ziguezagueantes.*

-

*Estrada fora
trauteava
Granados,
plangente solo:
Era bom
ter tempo livre,
não ter que pensar.
Que mais queria?*

-

*Entre sonido e álcool
tanto do nada.
Tal Ruy, terreno poeta amável,
sofro imenso tempo gasto.
Pareça embora absurdo,
gosta-se do tempo gasto.
Uma saudade,
um chamamento
para lonjura,
montanha, ar,
lua, ribeira.*

-

*Corre o vento,
e vem até aqui.
Corre o vento,
e fica dentro em mim.
Bem podes correr,
vento da não aventura;
bem podes anunciar-me o lugar.
Pois aqui sopras,
à precária estadia.
Abro-te todas as portas,
ar que a vida me dá:
Nenhum obstáculo te detém.*

*Transportas-me, nuvem, à praça onde sonho.
Lá a casa me frequentas, aragem destes instantes.
Vento dos ligeiros sustos,
pudesses escrever meu único poema.
Longes varres agora, verdadeira liberdade.*

-

*Íncrito demandante do Graal,
quando voltarão - pó, revoada -
alas, e frentes - tuas hostes?
Dum outro antiquíssimo subterrâneo,
sonho névoa manhã, reergas -
uno e muitos - o Portugal.*

-

*Tarde sentada,
folheiam-se lentos
in-fólios amarelentos.*

-

*Sei a estrelinha
a que acedi
na infância.
Sei a palavra
que me deste a dar,
polpa e fruto.*

*Construo
confiante
o poema
submerso
por zunzum
fluente.*

-

*Sussurro divino
através da tenra erva,
estrelas
dando-se-nos
espelhos,
somos
um*

*corpo
glorioso,
a deixarmos
preencherem-se
desertos.*

-

XIII) Estações do Peregrino

Fundos ais chorasTe sobre a arrasada cidade.

-

*Acudas-nos, Ana, Mãe da Nossa Mãe da Paz,
e ouve o louvor que com nossos cantos voa.*

-

Tel Aviv: Afazeres à Pátria Universal.

Que consta em teu passaporte?

-

*Bat Yam: Acordaram-nos os olhos pó,
às portas da Terra Prometida.*

-

*Cesareia: Romanos, lusos, ameríndios, índios, etíopes,
nipónicos, arianos, turcos, arménios,
ucranianos, croatas, chinos,
africanos, gregos, esquimós, hebreus, árabes,
à cor irreal, pasmámos.*

*Entrementes, quando nos sentámos, a ver que dava,
partiam, adereços aviados, saltimbancos.*

-

Monte Carmelo: Fremindo o sopro.

*A aberta imensidade ante, a maior grandeza,
alma altíssima a olhos dada.*

O fundo envolve-nos, devolvidos ao claro sonho.

-

*S. João de Acre: Largo voo entre Haifa e Líbano,
onde o cedro do caminho.*

-

Stella Maris: Que era d'Iahweh a voz que move:

A longe nos levava.

-

*Tíberíades: Descalços
pisamos pedras húmidas,
perto o manso lago,
dormente dorso em vagas.
Da faina, na pesca,
nos erguemos:*

*Passavas, e seguimos-Te,
amigos com a Notícia.*

-

*Bem Aventuranças: Nova palavra jorrava, estremecia:
Ressoando-nos, nos imos fibras do pobre coração,
nosso e Teu O Esplendoroso Verbo.*

-

*Mar da Galileia: Nas lidas escondidas nos calámos;
a lago, ou a bom ar,
despreocupação, distensão, acalmia.*

-

*Tabor: Sonambulissimamente divagávamos;
absortos discorríamos deslumbrando-nos
o repleto da Luz um dia aclarada sobre a Terra,
mal acomodadas as próprias tendas.
Até tangermos O Inominável.*

-

*Gruta da Anunciação: 'Verbo caro factum est.'
A alentar-nos.
Do Anjo a irradiação descida,
começo bem fecundo.*

-

*Ein Karen: Miriam, sabias, com o coração,
toda a distância compreendida.*

-

Bethlehem: Era tão só crer, a o cintilar a estrela.

-

Nazareth: Quotidiano escondido, o aí estares.

-

Canaã: Teu sangue nosso, convivas da alegria.

-

Jericó: Onde o estranho era irmão.

*Porque ofereceste boleia ao desfigurado,
o Cristo Te sarará também das tuas chagas.*

-

*A Jerusalém, cidade das todas as cidades,
as acolhedoras portas sempre abertas,
por próprio pé, acedemos jubilosos.*

*- Um palestino, passeando, e assoando-se,
à diurna luz, à última paz -*

Até que nos achássemos definitivamente no templo.

-

Muro das Lamentações: Pesada a prova da memória.

-

*Piscina Probática: Esquecidos no densíssimo peso,
largos anos esperámos que nos soerguessem.*

-

Das Tentações: Acossados, superamos ancestral desespero.

-

Monte das Oliveiras: ConTigo chorámos o desígnio dUm Pai.

-

*Basílica da Agonia: Um furco perto do Seu pé sangrando,
a soldadesca entrega-se a mesquinho passatempo,
sobre rabiscos no lajedo, com mínimas pedrinhas.*

-

*Via-Sacra: Marcados p'la Tua dor,
em Ti morremos.*

-

*Com a Cruz: Bem quis ajudar-Te o de Cirene,
mas Tu lhe desTe a ele Tua Vida.*

-

Santo Sepulcro:

*Pra conTigo subirmos,
renascermos.*

-

*Local da Ascensão: RegressasTe
até aO Lugar de Onde viesTe.*

-

*Pai-Nosso: Éramos agora outros ao olhar O Outro,
iguais, Teus co-herdeiros.*

-

*Dominus Flevit: Estávamos protegidos e amados.
No transe desentranhavas o amor maior.
Porque antevistesTe a vitória dos Teus,
Te deixasTe matar.*

-

Monte Sião: Para reacender as madrugadas.

-

Cenáculo: Junto a Maria, mudámo-nos dO Enlevo Consolador.

-

Túmulo do Rei David: Novo incenso, entre sombra e luz.

-

*Dormição: Toda a tua morte, Maria, deslumbras do silêncio,
Nossa Senhora da Ternura.*

-

*Cenáculo: Pão e vinho partilhados, plenitude, mãos,
estremecermos na trepidante passagem.*

-

Yad Vashen: Amaro ido com registo, em nós cáímos.

-

Geena: Medonha, horrenda, hiante desolação.

-

*El Aqsa: Em tonto sono voaram-nos as ideias:
Sob a cúpula doirada do templo,
anéis com versículos gravados aO Misericordioso.*

-

Tumba de Lázaro: Após ignóbil tragédia, somos nós.

-

*Aeroporto: Na bagagem, terra declarada.
Não refizéramos, nem na ínfima parte, O Percurso;
mas ficámos, na pura verdade vagando,*

*tratando, respirando
conTigo, Cristo Amigo,
pomba, fogo, loucura,
inenarrável libertação:
Até ter cor manhã.*

-

XIV) Simples Orações

*Descia a tarde,
e arrumavas a casinha em Nazareth.
Cenário admirável Gabriel vê,
quando irrompe p'la porta cerrada.
Pára o voo às Tuas mãos,
na entretida paz.
O Coração tangido
balbuciou Sim.*

-

*Imaculada,
nós te bendizemos:
TrouxesTe O Excelso,
AQUELE QUE É
vivida Redenção.
Aclara-nos caminho,
connosco vás,
conduz-nos
por Tua mão.
Boníssima, infunde em nós
Das Tuas Entranhas O Puro Verbo Pleno Amor.
Dá-nos discernimento
pra bem agir,
faz-nos firmes os passos.*

-

*Francisco, António, Clara,
repeti
connosco
um canto
ao irmão sol,
à lua irmã,*

*às estrelas altas,
preclaras,
belas.*

-

*Porque desde há milénios Natal,
cultive-se, cante-se, ressoe
o coro dos levíssimos alados entes,
da felicíssima meia-noite de Bethlehem
imorredoura alegria.*

-

*‘Porque o cedro foi arrancado.
Afastarei de teu seio os orgulhosos fanfarrões.
Um povo pobre humilde
procurará paz no nome de Iahweh.’
Não nos pesem angústias passadas.
Nuvens do torpor se esvaíam.
Acolhas nossa Acção de Graças.*

-

*Teus, inabalavelmente,
até infínidos fins,
vivamos relances na imensa luz.
Tão verdade é estares connosco, Expectante.
Quanto desejas Te foi dado antes.
Guia segura, sondas-nos para o melhor;
refúgio Te dás, nada nos falta.*

-

*Tens nosso nada,
um nome cristão,
tudo quanto somos.
Tens nossa fraqueza,
dás-nos Tua força,
abres-nos todas as portas.
Tens-nos no silêncio,
torna-lo repleta palavra
na noite coração.*

-

Tetravós amam-te em Deus dentro.

Tetranetos depois te abraçarão.

-

'Não deixes emudecer

a boca dos que Te louvam.'

Glória sempre a Teu Nome.

Dobre-se todo o joelho.

Voem alados pés a promotores da paz.

Jorrem águas dos rochedos.

Possa reverdecer a terra desolada.

-

Dão-se, o coração

quebrado:

O mandamento novo

refaz a humanidade

dum Deus descido.

Não estrangeiros,

verdadeira família

uns dos outros.

No voo querendo-se,

encaminham-se.

Dizei se tal amor

não vale a vida.

Assim sendo,

firmíssima expande

a aventura.

-

Trate linguagens,

domine meandros:

Se não me move Amor,

mas puro Amor,

eu nada sou.

Sonhos, logro

dos esforçados dias,

tudo passará,

excepto a caridade.

-

*Espírito Divino,
acode-me,
mísero morro.
Pó, alento, liberdade:
Dói-me não cantar toda a alegria.*

-

*Tanto machucaram feridas vivas.
Infernos sofri a bom sofrer.
Já em mim,
nem sei contar
os golpes cometidos.
Oswiecins vivi,
dos descaminhos.
Ante os novíssimos,
espero, creio e amo,
pois Maria Graça é e Poesia.*

-

*Estrela da Manhã, resplandecente Paz,
que dissipas as trevas da noite,
abre-nos caminho para bom lugar.
Nosso nada calas.
Tanto baste.*

-

*Lausperene:
Estás inteiro
em corpo inteiro.
Revejo-Te
quando percorrias,
mais os Teus,
a terrestre e celeste Galileia.
A plenitude é em Ti.
Das suavíssimas entranhas
dA Sempre Virgem
Oferta Maior,
que o humano escuro vences.*

-

Jesus,
inspecciona-me a que ande sempre em Tua luz.
Volte de novo a comportar-me como menino.
Nada perca da graça que me dás.
Respire louvor minha oração de água corrente.
Cada gesto meu Te seja aprazível oblação.
Dê-me à vida inteira cada manhã.
Envolva-me a bondade infinita a clarear.
Tarde toda acompanhe a Tua Paixão que salva.
Noite repouse na calma do Teu ombro.
Frua a cada transe Teu amor,
que por todo o sempre se prolongue.

-

Mãe da Luz do Céu,
alcance subir a pulso
a Escadinha das Rosas.
Eu cale quanto não Te bendiga;
não canse de mostrar-me grato p'lo que me dás,
a alegria de filho Teu.
Dê O Enganador Das Não Vidas turvas voltas:
Não será ele parvo chapado?
Atenuasses Tu seu pesadelo.
Tem-me em Teu olhar sem sombra.

-

Porque na Fé dos Avós
encaminhados,
na Fé acordemos para O Pai,
com o Príncipe da Paz, o Consolador,
sustentados por Mão da Mãe.

-

António, meu bom comum Avô,
move às moças baques cordiais,
a que me dêem água das frescas bilhas.

-

Pão que baste minha fome,
água quanta minha sede,
verdades que comungue,

*tamanho abraço que me abrace,
mãos abrindo doce paz
até ao vasto mundo
em que quisera sem fim andarilhar.*

-

*Fecha-se o livro,
solta-se louvor:
Cheio é o Orbe das Tuas maravilhas,
Santo, Imenso e Bom Senhor.
Criaturas aladas, levai meu ai.
Névoas, neblinas, regatos, ribeiras,
anjos, e meninos, bendizei.
Mártires d'amor, cantai.
Poetas, aedos, bailarins expressem
minuciosas belezas inumeráveis.
Seja desmesuradamente prolongado
o saltério aOs Celestes Prodígios.
Arquitectos, artistas, dramaturgos, cinéfilos,
informáticos, jornalistas Te proclamem.
Urzes, giestas, estevas, tílias, margaridas, lilases
fremi a única alegria.
Aragens, brisas, fogueiras anunciem O Pleno.
Relâmpagos, raios, tempestades gritai.
Répteis, peixes, batráquios, fugitivos animais, louvai.
Luz matinal aclama O Que Em Si.
Pedras, terras, orlas explodi um canto novo.
Flores, verduras e florestas, mares e nuvens resplandecei.
Luzeiros, astros, sóis, estrelas, clareiras e galáxias ecoai.
Abscôndito, em Teu Nome houvemos força:
Onde haja torpor nos fira incólume Teu sorriso.
A que resulte, para o peregrino, renascido amor.
A que não esqueça Lázaro:
Tenha a ele abertas as portas da choupana.
Filho de David, reencontra as reses desgarradas:
Traz a teu redil quantos Te magoam;
Teu entranhado Enlevo seja comum bênção.
Como algodão hidrófilo, Teu jugo;*

*pacientíssima, até aos fins,
Tua expectativa quanto a cada um.
Entreguemos na raiz da Cruz toda a tribulação:
Provê a todos o melhor bem:
A rodos derrames consolação.
Nos agradabilíssimos Átrios
Te elevemos diferente Louvor:
Bebamos do Vaso Pleno:
AjudasTe-nos quando o Egipto sofremos;
saciasTe-nos da Terra Prometida.
EndireitasTe-nos molestos ossos;
guardasTe-nos no coração mais coração.*

-

*Que mais Vos rogar,
Rainha, Companheira, e Mãe?
Que olhes por teus filhos
desviados.
Amem eles a Paz,
que o Céu a trará,
na boa Cor outra
inexplicável.*

-

XV) Também Através da Poesia se Constrói a Paz

*Nautas refizemos o inimaginável.
No bolso fundo esquecido o roteiro,
com o que sobrou dum raminho de oliveira.
Despojos outros da gesta, brônzea rosa
verdade, colámo-los nuns álbuns.*

-

*Quotidiano:
Invariavelmente,
pelas sete menos cinco da manhã,
a sexagenária empregada da limpeza
descia sozinha
dum autocarro
que adrede parava
mesmo ao chegar à praceta.*

*Era uma princesa,
que por vezes me atirava o seu bom dia
para a janela onde alheado poetava.
E prosseguia adiante
o seu caminho duns curtos passos,
carregando dois sacos fundos,
um a cada mão,
dois sacos cheios de paz.*

-

*'...Eu ainda menino...'
Uma casa térrea, a bacia da água em alumínio,
sol esbatendo-se sobre sobrado;
íngreme ruela, que vai da escola primária
ao quintal do Gouveia, que Deus haja.
A vida deu comigo até Lousa, aldeia num planalto;
donde as iluminações: Uma queda dum cavalo:
Por sorte abraçou-nos terra verde, ali escassíssima.
Uma foto tirada quase noitinha: Eu num pijama de flanela,
num corredor que vai até à fraga. Também a neve:
Os passos, sobre ela distanciando-se, eram do meu pai,
que ia, a mais uma semana, ao serviço, à vila.
A mãe, as sopas, cebola, nabiça, alho, ou milho, amargurando ceias.
Bombos, e pandeiretas, gaiteiros, dia fabuloso, cabeçudos, gigantones,
zés-pereiras, pertinho a uma varanda nossa, quiçá num 2º andar.
Na Senhora da Assunção, por Vilas Boas,
estoiravam foguetes e lágrimas.
Na noite deslumbrada, da aérea leveza insuflada,
caía devagarinho a Madona Branca.
Por San Martino:
'Lo rapazo d'la professora anda a la 'scola, la rapaza no.'
O forte brado: Gaitas-de-foles, piruetas festivas, saltimbancos.
A ciganita a qualquer hora pedinchava: 'Uma codinha, e danço.'
Os pulos loucos, os paulitos: 'Mirandum se fui a la guerra.
Num sei quando benerá.
Se benerá pula Páscoa, se pur la Trenidá.'
Minha primeira comunhão,
e meu ar deprimido a posar a eterno retrato.*

*Ribeira, sombras mansas, decadentes chorões.
Cegonhas a amplo voo.
Tortuosos caminhos, fontanários, água borbulhante.
Longas peregrinações, vadiagem, até ao pôr-do-sol, p'las leiras.
Vozes limpas, ancestrais, cantarolai-me La Çarandilhera.
Voltarei outra vez a ser menino.
Por Belém, num azulado beco, à varanda,
a moinhos em papel do vento velas girando.
Estúrdia, noite de Santo António.
Cerra-se compacta negridão sobre a murada cidade:
Que é dos alunos? E os poetas aluados por onde andam?
É já antemanhã, prenhe certeza.
Trindade Coelho, conterrâneo,
desejavas o Reino. Está aí.*

-

*'O espectáculo mais belo de ver
na Terra alcançada do Espaço
são os homens a trabalhar.'
Por mim, contenta-me de inteira alegria,
o afã do prédio aqui ao lado:
Observo-o a avançar cada hora;
com longas lidas com que vai sofridas
não me foi dado surpreender
a nenhum operário um movimento errado.*

-

*'Disse-to pelas nuvens,
pelas árvores do mar,
pela noite bebida,
pela janela aberta,
toda a carícia,
toda a confiança sobrevivem.'
Dar-me para trautear,
pétala a pétala,
sonetos que decorei.*

-

*Dom António a longe olhava.
'O homem não existe em si, mas para Deus.'*

A morte do homem que o inquietava fede.

Há que esperar novo mundo.

-

Imensa mesa, imensa alegria:

Sabei, homens, quanto vale viver a paz;

a insondável riqueza, a diferença, o vosso irmão;

o intangível sagrado, que encerra convicto

o que de vós discorda;

quantas vidas se salvam por um acordo,

selado com um simples aperto de mão;

o valor que é o outro, e quanto bem é dardes

a esse outro, o espaço, vosso, que lhe é devido.

Sabei também quanto a vossa terra merece

que a deixeis florescer e frutificar,

à luz da imensa alegria.

Se tal souberdes, dareis as mãos confiantes;

alegrar-vos-eis, com os demais convivas,

no comum banquete da palavra,

num invencível amor.

Saudareis com à-vontade todo o homem

em língua que a nenhum será estrangeira;

e em qualquer parte do habitado planeta

vos sentireis como em vossa própria casa.

Abrireis janelas amplas

a cada novo alvorecer:

Cada manhã será a manhã do novo homem.

Sabereis o que é o vosso chão e o vosso pão;

o peso, a leveza, a sã consciência solidária;

a dignidade de estardes vivos.

Tereis o vosso tempo, pois todo o tempo será vosso:

Inaugurareis um novíssimo milénio

com admirável fraternidade.

Serão então o ar, o pão, a água prodigalizados com a poesia,

abundante parte à mesa dos humanos,

elevados que sejais a uma verdadeira harmonia;

o alto e claro sol vosso será,

e partilhado.

*Deus será um comum pai, única mãe;
possibilidade de ser invocado por Seus desvairados nomes;
presença, jamais ausente, na mais pequenina das flores;
até vós descera.*

*Em mão vos terá da paz movidos;
porque habitará o cerne dos vossos sonhos,
e iluminará sorrisos em todos os meninos.*

-

XVI) Lidos Clássicos

'... 'Té Santa Clara, além ar...'

A graça faz-nos ver.

Seus anjos súbitos, nas antemanhãs.

Obstinar-se a todos os rumos.

*Investir, olhos postos no longe a vir,
instantes p'lo caminho.*

As horas de ponta na cidade:

*Mergulhar o humano, corpo ascendendo no pó,
em direcção ao poente, a clamar escombros.*

Forçoso arrancar do grisu férreo bairros tristes.

-

'Tiram ouro do nariz os poetas.'

Atraem para suas janelas o ar puro das remotas paragens:

A plenos pulmões inspiram dos cumes himalaicos.

Soletram o desconhecido.

Constrange-os a humana miséria

e por p'los próprios versos a não verem resolvida.

Dizem persistentemente paz

por condoídas estranhíssimas expressões.

-

Auto-retrato: Em glosa a o do Ochoa du Bocage:

Olhos castanhos, gordo, agreste cara;

meio duro dos pés; alta postura;

aspeito incerto, ou de alegria ou de tristura;

nariz dobrado a meio, feroz, torto;

ânimo vário, mais brando agora;

co'a idade inclinado a mover-se do coração ferido;

p'los cafés matando os dias;

a sorrisos gentis não insensível, digo, a cândidas musas;

p'lo confesso tolerando padres:

Eis Ochôa: Luas asas lhe deram desta a devaneio.

-

'Num sonho todo feito de incerteza,'

silêncio, luz branda, amenidade, senti essa presença,

essa leveza, que nos conduzem daqui à infinidade.

Era a alma das pombas, ou a mesma toalha na mesa, imensidade.

Céu sem nuvem nem véu nem sombra escura:

A íntima e afável comunhão,

contacto imo a imo, amparo na incerteza,

a escorrer o luminoso tempo.

O segredo dum sorriso.

E assim directo achar a mão que na mão ajude a caminhar.

-

'Minha mesa de café.

Quero-lhe tanto, a garrida.

Toda da pedra brunida.

Que linda e fresca que é.'

Lá tempero a solidão, com o café do costume.

Do cigarro, que acendo, não mais se lhe apaga o lume.

Falhados, todos temos poesia, morte, instantes.

Boa é a pedra, que esconde, sob ela, o poeta anónimo,

que escreve e rescreve para o esquecimento da vida.

E se a patroa se despe?

E se o cinzeiro se espalha?

-

Pela janela rasgada

réstia arborizada:

Ver-se transparecer

o que à face vem florir.

-

A vida, par por ternura:

'A vida é feita de nadas

grandes serras paradas.'

Fadigas, cantares, gestos,

*entrega; solidão; mãos afagando;
cismar fascinada imensidão;
manso pastar de alimárias;
lidas e cuidados desmedidos;
aligeirar o olhar p'lo ar além;
colher, flor na haste, o dia dado.*

-

*Aves divagam lonjuras,
pairam por cima da planura,
enlevam-me,
desvanecem-se
para lá do ar voado,
deixando-me saudosos
do curso da sua deriva,
matéria antes sonhada.*

-

*'Não era o vulgar brilho da beleza,
era outra luz, era outra suavidade.'*
*Que me não esqueça;
irmã comigo vá;
envolva-me inteira;
acolha-me meiga;
abrigue-me,
a obscuro canto.*

-

*Horto do Esposo:
O apeado cavaleiro
persegue branda luz
do lugar donde
saudoso ama,
em arroubo, Pátria.
Dela arredado, por ela
sem cessar suspira:
Vagamente esmorece;
alenta-o o odor ao amado corpo.
A dia alto acorda flores;*

anela p'la não olvidada garça.

-

*'Sôbolos rios que vão,
por Babilónia, me achei.'
Onde, atido à confusão,
me derivaram
lágrimas
por Sião.*

-

*'Yo solo vivo
dentro de la Primavera.
Los que veis por fuera
qué sabéis
de su centro?'
Se o eclodir solar
se desvanece,
na ida claridade
ainda me fundo.*

-

*'O silêncio é tão longo
que os cães
enlouquecem nas ruas.
E as noites
ficarão imensas.'
Do Jorge de Lima
o povoado trecho em eco,
transcendendo plausíveis glosas,
nua verdade
duns uivos,
uns gritos, uns automóveis,
por fins do árido Junho.*

-

*'Eu cantarei d'amor tão docemente,
em uns termos em si tão concertados,'
que os distantes ais rememorados
não deverão já mais nos ser presentes.
Olhos, mãos, vozes às claras madrugadas*

*lançando-se, repetindo-se, nos darão
o enlevo moído, saudoso, ausente.
Oásis indiciam brandos esgares.
Céu carinha, continuemos demanda.
Só do amor feridos figuram-se esquecidos
pousos a advir, aos quais indiferentes
vagabundamos tidos na pálida ideia
da luminosa estada; até a fim movidos
no livre acto refeitos nos alongamos.*

-

*‘Maravilha fatal da nossa Idade, irrompas Cavaleiro.’
Verdes ilusões
à peleja única arrebatas.
Conquiste-se-te o Orbe
a nova hora havido:
A ti se obrigue
a submetido íntimo.
Cada teu infante
firmemente motive
sobre-humana
simplicidade;
o Império Quinto tremeluzindo,
elucubre português o Oriente da Vida.*

-

*‘Vi uma noiva
entrar num automóvel.’
Seu esguio corpo
molemente matando-me
a crónica depressão.*

-

*Santo António, que santinho -
sábio santo dos doutores -
ensinas da sã doutrina,
aceita estes meus louvores.
Santo António português,
a acudir nas aflições,
ama o meu coraçãozinho,*

sara-o com orações.
Vi o Menino brincar
nos braços do Santo António.
Taumaturgo Popular,
mata em mim o ruim demónio.
António dos bons amores,
ame eu minha mulher;
dou-te grinaldas de flores,
e seja o que Deus quiser.

-

Que choras, amiga,
à fonte fria?
Amores hei.
Alba lieiro.
Que pranteias,
amiga,
no jorrar da nascente?
De amores só.
Alba vai levantando.
Amores empeçados
sem tento nem fim
choro por mim.
Alba asinha.

-

O poeta das fundas olheiras chorosas:
'Só, incessante, um som de flauta chora.'
Antiga tristura, que lágrimas devoras,
o sol há vasto tempo erguido,
porque não foste embora?
'E, no longe, os barcos das flores?'
Pétalas leves sobre a alma derramadas.
Será que morro exausto,
cumprida e ida a faina?
Ou é que o pranto sara,
e o pavoroso tremor extingue?
Quem sonha alto agora?
Astros alcança?

Por qual silêncio mora?

-

*'Aquele triste e leda madrugada,
enquanto houver no mundo saudade,'
quero que quede sempre demorada
nos meus olhos abertos porque nada.
Campos verdes, na clara luz banhados,
arvoredos, automóveis, idos passantes pasmados,
roucos sons aos dos pássaros acordados mistos.
E rosas, e aromas, e tons, e amores de meus amores.
Se o dia rompe à mesma hora que a flor,
e a neve é véu de bodas sobrevoando,
madrugada rompante dos meus dias,
inclines minha alma a jubiloso fervor.
Acenam asas voos p'lo monte.*

-

*'Emudeça
se não me lembrar de ti,
Jerusalém das alegrias.'
Leveza, alados voos,
ternura, enlevo, olhar,
o dentro das tuas portas,
revolto resplendor.
Íntimo anelo, ascensão,
desde já vista eternidade.*

-

*Só sonhada ventura
me conforte
da vivida desventura.
Sonhe enfim,
e fundo frua
a doçura
que o dia me negou.
Moças mil,
flores queridas,
indícios foram meus
d'idílios mil,
p'los tempos que aqui tive,*

dos quais não vi senão enganos.

*Seja eu todo teu,
donzela das donzelas.*

-

*Sedia-m'en San Simion,
acercam-se-m'ondas,
grandes que son.*

*Ondas m'emparedan,
eu sin rum' ô guia.*

*Ondas s'm'engolfam,
e eu cerrad' a dia.*

*Madre, qu'ondas altas
contra mim vêm.*

*Madre, qu' m'envoltam,
e eu prà 'qui sin pé.*

-

*Estrelinha no longe céu,
frágil barquinha no grande mar,
frustre borboleta na vastidão adejando:
Assim eras tu, nesse nosso mundo, meu amor.*

-

*Sonhe meu fim descansado
num canto terra florido;
seja o meu corpo chagado
num continuado olvido;
ache-se sempre a meu lado
da plenitude o sentido;
noutro momento moldado
o poema seja vivo,
pra redizer acabado
meu disperso derivar.*

-

*Surpreendemos cabriolando
a cambalhotas a esperança.
Por corridos versos,
encetas sussurrar fantasmagorias
da manhã, num registo retinido.*

-

*Quase delida é a fim a tarde.
Versos muitos releio meio insone.
Abre-se-me último o sol rubro
ao fundo da janela no poente.
Reacendem-se-me clarins, gozo
que meu ser alado sente.
Lidas rimas vão sumindo à vista
o percurso, passo a passo ausente.
Morto é o passado, no entanto vivo,
ido o só instante, débil felicidade.*

-

*Os mortos se apartam deslumbrados,
deixando-nos bens aqui colhidos.
Sinto perto demais o dia certo
de deixar pender a chão
meu pobre fruto.
Mas mais e mais me agarra a vida,
a desfrutar o terno amor que te devoto:
Eterno reinício, acto incerto,
fogo de o teu corpo amar por fado,
como eterno meu devotamento
à anímica raiz, só puro indício.
O desenlace ache a hora boa, que até
à vivaz luz prossigo enquanto pasmo.*

-

*Regresso a sós plantinhas,
desmaiando névoas;
luz fermentando tenuemente,
célere passou um outro Agosto.*

-

*Tarde descobri a Serra Arrábida,
onde está prà alma doce enlevo.
Tarde a descobri, mas ainda a tempo
de seu abraço gozar, divino enleio.
Branda me desfrute, íris dum mirar,
branda me enlace, sonho realidade,*

*brando me frua o seu frofido ar,
arqueada onda da saudade,
o meio-dia sem ocaso a clarear.*

-

*Na luz nado águas do meu nada;
da hora a aura envolve-me alma;
soo versos assim-assim diversos,
graça a que nem meço início imenso.*

-

*Clamei não abraçarmos a terra da paz;
não entregarmos a inteira vida;
não matar-nos
fome e sede de justiça.*

-

*Grande luz chegando cá.
Noite dentro, aclarada alegria,
humaníssimo amor já nos habita.
Do sonho exultando
s'encaminham pastores
até ao luzir sem par,
lá por Bethlehem.*

-

*Flor santa pobreza,
comigo hoje durmas,
adorável esposa,
do Cristo Rainha.
Ele te saboreou sábio corpo,
de odor humilde, bondoso, casto.
Proclamada paz radiosa,
sacratíssima face cuspida
ensanguentada.*

-

*'...Dos largos males breve história...'
Dura dor, brando sussurro,
crua mágoa, temperada rima,
fera cegueira, deslumbrada luz,
idas memórias, agora vida,*

*pouco ver, mar aberto aos olhos,
ardido fogo, renascido amor,
fugaz ardor, vivaz luzeiro,
sobressaltos, astros, fastos,
descaminho, caminho
a porto remoto amado,
ao o pensar presente -
pois Maria porta é prometida,
e tida, que por sempre.*

-

*Quarteira;
Tempo pleno,
poema a que nada falta.
Hoje inteiro o dia completude.
Embarque solidário.
Voe até a ponto igual
a onde estou,
em retorno a mim.
Donde vim e vou sou,
esclarecendo olhares,
derramados,
cada lance.
Indizível sabor,
clara verdade.
Enquanto risca o vidro
num voo curvo
a ave.*

-

XVII) Post-Scriptum

*Outra vez acendera um cigarro.
Outra vez à janela.
Outra vez pensara nela,
e na última prova.
Outra vez deglutira
a metade do forçoso comprimido.
A véspera fora festa rija:
Incendiava-se o dividido fuel.*

*O mundo tornava-se incomportável.
Como sair disto?
Se só restavam ilusórias seguranças.
Tais como janela, cigarro,
algum inesperado encontro,
água por filtros purificada,
ar ventando,
de ignorado lugarejo.
Donde infamemente renovava?
Respirar, agasalhar, vestir,
aguardar o alvorecer:
O instante idealizado:
Indiferença,
e não ter que pesar,
ao esclarecer soalheiro,
a silêncio,
brandura,
sentimento.
Despertar maravilhas;
olhares crescendo,
barba feita,
cara a dar;
pobreza, abandono,
recôndito provento;
fome,
divinização,
água;
pão,
vinho,
mudez.
Noite ante a janela,
lidas, rotinas,
paradoxalmente
até à liberdade:
Febre, suor frio,
esparguete, fim roído.
Beijos sumidos.*

*Chuva miudinha
sobre a chapa do carro.
Até logo.
Barrenta
a rampa,
o convento,
a cerca,
terra semeada,
irmãzinhas afadigadas:
Tudo lento, pleno, da memória.
Evasão, ilusão,
perpetuar
o vasto dia;
paisagens arruinadas,
por fogo batidas.
O deslizar da esferográfica
pela completude,
a remar a vento agreste,
a ondas e marés,
estridentando luzes, sons.
Gola puxada à gabardina,
um nó à cintura,
e Celeste,
igual,
ante imprevistas emboscadas,
resina d'instantes.
A Leste do Paraíso,
lembras?
O filme não,
o livro li há muito.
'Jesus is a soul man.'
O mais violento e manso
dos humanos.
Coração vazio, alegria.
Fugir até à cidade.
Que é ainda teu,
que, entre casa e rua,*

não houvesse estragado?
Redizes Aleluia?
Teus beijos, colombina.
Sorrisos, reencontro.
Blue-jeans rafadas,
caímos-nos exaustos.
As flores alumiam,
engrinaldam-se trepadeiras.
Pássaros cantam
o raiar da alegria quente.
Cresce o Sinal.
Um Te inquiriu
se eras Rei:
Tu o disseste, respondesTe,
a chaga Tua viva, à Jerusalém Sem Fim.
Na evocação
mais firme
dO Teu Nome,
subo escadas;
e ouço: Nega-te. Segue-Me. Ama.
Matar com sono obsessões.
‘Um silêncio,
com estrelas aparece
pra lá da desolação.’
Um anjo desagrilhoou Pedro.
Aspérrimo luzeiro
sacudindo-o
o livrou.

-

XVIII) Post-Scriptum 2º.

O ondeante azul as aves sabem,
que vagueiam
lá para o cimeiro castelo,
onde uns teus cantares calam
na dorida alma mãe, alento a pobres.

-

Trago-te flores neve,

*num aconchegado ramallete;
canídeo as enxerguei,
as recolhi,
porque busquei
toda a noite
a clara aurora.*

-

*Nocturno torpor
a buganvília anula,
o florido jacarandá
maravilha de cor,
chega até
à janela
com aves matutino rir.*

-

*Sanguíneo
fio
riscando
carne polpa de pêra.
Ígneas tumbas
por infames catacumbas.*

-

*Mãe, dissesTe pra parar.
Repetidas vezes ouvi a linda voz que bem entendo;
mas reincidi teimando.
Cale agora o sussurro rouco, a confusão,
a turva inquietação, logro meu.
Soe simples louvor a Teu Silêncio Imenso.
Obediente paciente amiga, perdoa.
Recomece, determinado, a aprender morrendo.*

-

*Mãe, pega-me ao colo.
Salva-me Tu os nulos dias.
Faz com que adormeça
o peso que aqui me tomba.*

-

Um dia destes

*pego na bagagem
ao ombro,
vou desandar
das tenebrosas barricadas,
afundar-me
p'lo ar esclarecido,
duma brandura
amiga escancarada,
nadar para o luar,
amar, pairar, fugir,
alçar daqui de mim.*

-

*Companheiro,
come pão com tua mão.
Teu pão
é pão
de irmão.
Come pão,
parte pão.
Parte,
reparte
com teu irmão.
Que pão
é pão
de irmão,
pão igual
para ti
e para irmão.*

-

*Pousa um bufo-real a meio metro de mim,
fita-me dum pranto fundo,
familiar há milénios luz pelas cercanias,
olha-me, e ameaça.
Abertas a ele as portas do meu coração,
voa de dentro de meu peito forte
para a liberdade farpada do arame que nos fere;
nítido ainda o registo em foto flash,*

a devorar-me os olhos morte na noite prolongada.

-

*Não se julgue que não é cão,
porque cão mesmo é,
ao nível do chão,
captado por seu Ochôa dono,
com zoom máximo e flash Sony,
ao nível mesmo mais são do pobre chão.*

«Sai depressa cão deste poema.»

Mas cão não é nem nunca será macacão.

-

*Simples palavras digam certas tal-qualmente
coisas a estudar sempre ante tua livre mente.
Outras sonhadas palavras digam rigor fulgente.*

-

Prego no chão pede rapagão.

No chão?

Pasma garçon.

*Sim, no chão,
que pra meu cão.*

*Com ronha de palavrão
entretêm-nos fome de cão.*

-

*Melrinho fiel,
que cedo me visitas,
saltitando esvoaçante,
a cantarolar cantitos puros absolutos,
sílabas dum chão empedrado e turvo,
na antemanhã liberta das rosas:
Vou para filmar,
e idealizo uns planos picados
para acompanhar-te a divagação magnífica,
enquanto me deixas
por erva húmida, antes dum sol desconhecido.*

-

XIX) Anáfora da Vida Problemática

Se só uma vez estás vivo,

*se só uma vez dizes Amor,
se só uma vez salvas Amigo,
se só uma vez acenas Adeus,
se só uma vez vês a Cor,
se só uma vez vives a Vida,
se só uma vez morres da Morte,
porque disse então
o Cristo Jesus dos paradoxos
precisares de nascer de novo?*

-

XX) Inscrições

A amor devolver amor, a amor amar por toda a vida.

-

Menino, conte à Mãezinha tudo, tintim por tintim.

-

Há flores no nome de Jesus, madrugada dos nossos sonhos.

Quando em nós sumidos, é Ele perto.

-

*Desperta, e enche da flor da neve, amêndoa, vinho, pão meus olhos,
minha terra.*

-

Dares quanto tens a quantos encontres.

Quanto não tens a O Deus que te sonha os sonhos.

Que quanto deres terás.

-

Deserto do sol repleto, com luz sorrindo, onde o poema se demora.

-

Nuvens do sol abraçam-nos amigas.

Mar essencial invisível a olhos. Reencontro nosso.

Por devolvermo-nos outros. No sempre, nossa pátria, nos achamos.

Porque do coração abertos.

-

Maria Estrela Guia Nos Dá Seu Filho Sol Da Justiça

Por Nós Sonhado.

-

I

AVÉ

MARIA:

JESUS

LUZ

É.

-

Aro,

aro,

aro...

-

Se não fosse o bom Deus, desesperaria.

-

XXI) Post-Factum

Na encruzilhada de todos os caminhos

estou eu com Deus esperando os irmãos para abraçar.

*Desvairadas gentes, donde venhais, para onde vades, eu sou vosso,
com o coração posto no sangue redentor que vos envolve e me ama,
o sangue eucarístico que me alimenta os dias.*

Estou na encruzilhada de todos os caminhos

para abraçar o irmão que vem - na luz do amor.

-

Minha cadela Mirita

dorme agora para seus róseos sonhos,

pulando das ternuras pelas colinas eternas.

Da Charitas o mel do doce vinho ela destila da boca,

qual O Lobo de Gúbio da natalícia parábola,

Agnus Dei todo entregue para as alegrias da vida.

Tal qual tu também eu amanhã morrerei, Melhor Amiga, disto aqui.

Então nos abraçará o Nada que é Tudo, o Deus que é Amor.

-

*Das folhas rosadas amarelentas da árvore dos dióspiros seus finos
suspiros: Mãe Natura ansiando a Parusia.*

-

XXII) Do Absurdo Acordo Curdo

Os vendilhões do Templo:

Ou o negócio da Língua:

Ou o absurdo acordo curdo:

Ochôa, efectua teu text sem dó nem piedade

tecla por tecla,

olho por olho,

dente por dente.

Põe de lado teu fundo cristão,

dá-lhes barbaramente a esses bárbaros que te matam.

*De azorrague, como fez teu amigo Cristo aos que se
apossavam do templo sagrado para mercadejar mijinhas.*

A esses tansos calhaus estúpidos,

que vos querem pôr,

a começar pelas criancinhas aprendizes da Mãe Língua,

o colete-de-forças do absurdo acordo curdo.

O ACORDO OU O ARMAGEDON CURDO OU O FACTO DO FATO:

OU O FATUM DO FATO:

Em provas de hoje em diante,

até chegarem bisnetos a berrar:

AQUI D'EL REI! ESTAMOS NUS!

*Comparemos a portuguesa língua com um fato completo de
senhora saia e casaco ou de homem calças colete casaco:*

Sempre a construir-se em fina fazenda.

Agora, o fato está em provas.

Com o dito cujo acordo curdo absurdo.

Com finalidade perversa de dar-lhe maleabilidade,

vai de mexê-lo, e mexê-lo:

*Cose aqui, cose acolá, pesponta aqui, pesponta acolá, pesponta
acolá, descose aqui, descose acolá, descose aqui, descose acolá,*

alinhava aqui, alinhava-se acolá, desalinhava aqui,

desalinhava-se acolá.

Vamos para prová-lo e, ao tentar vesti-lo,

rebenta-nos pelas costuras.

Fazemos então uma triste figura, pior, uma ignóbil figura,

falsamente compostos dos retalhinhos dos retalhinhos,

embrulhados dos frios nessa espécie de mantinha

alentejana, igual a muitas que vemos pelas feiras das vaidades.

Este é o factum, pior, o post-factum.

Facto do fato: Estamos nus, ou, piorzinho,

revestidos com lixo não reciclável.

Este o lado perverso sem reverso da coisa do cose, cose,

cozinhado que nos dão a comer,

quer tenhamos ou não vontade.

Matam-nos a todos, por empalamento do cu ao céu da boca.

-

XXIII) Magnificat

«Minha Alma glorifica O Senhor

e meu espírito se alegra em Deus, Meu Salvador,

porque pôs os olhos na humilhação da Sua serva;

de agora em diante todas as gerações me proclamam Bem-Aventurada.

O Todo-Poderoso fez em Mim Maravilhas: Santo é Seu Nome;

Sua misericórdia estende-se de geração em geração sobre quantos O temem.

Manifestou o Poder do Seu Braço, dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos dos seus tronos, e exaltou os humildes.

Aos famintos cumulou de bens, aos ricos demitiu de mãos vazias.

Acolheu Israel, Seu servo, lembrado da Sua Misericórdia,

como havia prometido a Nossos Pais,

a Abraão, e à sua descendência para sempre.»

-

XXIV) Últimos Versos

Maria, repleto silêncio Tua voz.

-

‘Amor Joaquim’ disse-lhe ela. Enlaçou-o, beijou-o, mimou-o, devorou-o.

Ele era ‘o soldadinho de chumbo’ mandado do Alentejo para matar.

Tempos depois - coincidência - por aqui o reencontrou. E não o reconheceu.

-

‘Estado gasoso’:

Se passa por mim um automóvel, levo o dedo ao nariz.

-

Emérito mui digno, Monsieur Albenis foi empurrado por um bandido, à Paris.

Vi filme das suas mãos pombas que voavam: Perdão, Amor, Verdade, Justiça,

Liberdade, Paz, Irmãos! Os insultos gelavam.

Era Colóquio importante para Monsieur Albenis, que discorria,

*no pleno uso da Palavra, à Paris. Também falavam suas mãos,
pombas voando: Solidariedade, Irmãos!*

Os insultos gelavam-no.

*Logo inquietado, interrompido, o certo porém é que Monsieur Albenis falou bem,
de Paz e Bem, à Paris.*

-

Yekini, sombra da noite, tens, no pé do correr, a alegria de um golo só teu:

A rebentar Madrugada. Contigo nos abraçam os deuses do Antanho.

Esboça-se-te então à flor da tez um sorriso de despedida.

-

Tantas vezes O esqueço, mas Jesus é a meu lado. Se a noite me confunde,

Ele é minha alegria. Tantas vezes o meu peso prevalece sobre a graça.

Mas Jesus está comigo, alegria verdadeira.

Tantas vezes O esqueço, nas horas de cada dia.

Tantas vezes O aborreço, nas mágoas que o mundo dá.

Mas Ele é a minha vida, da mais completa alegria.

Se Jesus é a meu lado, para a frente é o caminho.

-

Programa eterno:

Da criatura amar o criador.

E ir da particular beleza para a beleza geral.

-

Descendência de Abraham:

Iria, Irene, que teu olhar me fite, sem cessar.

-

XXV) Mais Estações do Peregrino

-

A ROMAAMOR:

-

Cá: Alfândega da Fé Quarteira Setúbal Lisboa Portucale.

-

Lá:

*1º Dia: Do passado pesado pecado lavarem-se-nos
em sangue-luz os olhos treva.*

-

*2º Dia: Miguel-o-Ângelo puxou-nos com a mão
da sua pincelada forte*

o ser e o olhar a O Cimo Estelar.

-

*3º Dia: Francisco nos tangeu ferida chaga coração,
pétala lágrima remindo negruras.*

-

*4º Dia: Incessantemente orando rezando cantando caminhando
o martírio caminho, aberto abraço da Cruz Amor.*

-

5º Dia: Roma Urbe in Orbe: Finis Terrae...

Et vita nuova incipit:

*Humaníssimo coração do tempo, o outro ígneo nós reconstrói
casa, heteronímia, mão, sorriso em pedra.*

-

XXVI) Medjugorie:

Vale entre colinas,

Vale do Deus

Paz,

sinónimo de Alegria.

Terra da Mãe

Esperança,

já certeza

da Vida

já sem fim.

/

Revisão de Sara Santos a 23.i.2013...

Súmula Bibliográfica

Manuel Ângelo Ochoa de Castro, nado em Alfândega da Fé a 30.xi.1944, publicou (vide <http://angellochoa.net/ochoa/>)

poema um - 1965, poema 2 - 1966, poema - 1967, folhetos; as cidades de Israel - 1970, poesia escrita de 1959 a 1975 - 1976, livros; poema do íntimo afã - 1983, folheto; do memorial de Pedro - e uns poemas - 1990, desolação saudosa - 1992, 22 poemas - 1996, os 363 poemas - 1999, livros; poesia dita pelo próprio - 2001, CD; Sonhadas Palavras 2005, livro;

<http://aoochoa.no.sapo.pt/>

<http://angellochoa.no.sapo.pt/> <http://ochoadorioazul.no.sapo.pt/>

<http://ochoadorioazul.no.sapo.pt/>

- sítios;

excertos de romance em provas/1973, mais escritos dispersos/1980, a/2002/07/13, b/2003/03/07, c/2005/06/30, d/2006/03/06, e/2007/02/23, arquivos;

<http://www.facebook.com/angelo.ochoa.14>

<http://www.youtube.com/user/25xiinatal/>

- cerca de 7.092 vídeos ;

<http://angelo-ochoa.blogspot.pt/>

<http://iavemaria.blogspot.pt/>

<http://oochoa.wordpress.com/>

blogues.

APRESENTAÇÃO

O Ângelo Ochoa é um solitário solidário, que, na sua poesia, abraça, com apertado abraço, o inteiro humano mundo, do qual nenhum aspecto se lhe afigura estranho ou despropositado.

Maria Alzira Seixo

DEDICATÓRIA

-- Às Minhas Três Graças e a Irene Ochoa Dontsi

E-BOOK RESPECTIVO IN

<http://angellochoa.net/umultimo/enconvoscoaveebonitooamorangeloochoa23i2013.pdf>

António Mateus Vilhena escreveu: APRESENTAÇÃO DO LIVRO EnconVoscoAve – É Bonito o Amor, DE MANUEL ÂNGELO OCHÔA

É meu dever exprimir publicamente ao Manuel Ângelo Ochoa, velho colega e amigo, a minha comovida gratidão pelo honroso convite que me dirigiu para apresentar o seu livro de poemas EnconVoscoAve – É Bonito o Amor, publicado no final de 2014 e no qual reuniu as composições que considera mais relevantes no conjunto das muitas centenas que tem escrito ao longo da sua vida.

Na redacção dos seus textos, recusou-se o nosso poeta a adoptar o novo acordo ortográfico, que fustiga violentamente, num registo linguístico que não é seu timbre e em que utiliza vernáculo português de cariz vicentino (“Do Absurdo Acordo Curdo”, pp. 182-183).

Hoje, nesta cidade e no ano em que se celebram os 250 anos do nascimento de Bocage, afigura-se-me adequado apresentar Ochoa de Castro recorrendo à leitura de um poema seu, um auto-retrato, cujo modelo é o famoso soneto bocagiano «*Magro, de olhos azuis, carão moreno*».

Ouçamos, então, esse poema:

Olhos castanhos, gordo, agreste cara;

meio duro dos pés; alta postura;

aspeito incerto, ou de alegria ou de tristura;

nariz dobrado a meio, feroz, torto;

ânimo vário, mais brando agora;

co'a idade inclinado a mover-se do coração ferido;

p'los cafés matando os dias;

a sorrisos gentis, não insensível, digo, a cândidas musas;

p'lo confesso tolerando padres:

Eis Ochôa: Luas asas lhe deram desta a devaneio. (p.157)

Os poemas deste livro, como todos os do autor, foram longamente sujeitos ao desbaste do seu insatisfeito cinzel, pelo que a sua linguagem não faz cedência a arroubos retóricos desenfreados, antes é, em regra, notavelmente contida, ponderada, vigiada, depurada, capaz de captar, com grande propriedade e concisão, a essência dos objectos, seres e lugares alvo da sua minuciosa contemplação. Algumas das composições são expressões nominais, que ocupam breves versos, implicando, com frequência, a completa descodificação delas atenta e repetida leitura.

Na sua obsessão pela procura da máxima perfeição estética, o escritor não enjeitará, por certo, o conteúdo de um passo do rascunho de uma carta (nunca expedida) que Fernando Pessoa (talvez em 1930) escreveu a Adolfo Rocha, o futuro Miguel Torga, rascunho esse no qual afirma que «*nada há mais raro neste mundo que um artista espontâneo*» (apud Cabral Martins, Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa, p. 222).

O facto de recorrer, por vezes, a termos e construções muito cultos, de sabor clássico, ou a arcaísmos, a par de diversas expressões latinas, não deve induzir-nos a pensar estarmos em presença de um purista intransigente ou de um arcaizante, porquanto surgem, nos seus textos em esborçado e cuidado português, citações de linguagem dialectal, além de expressões em registo familiar e até versos em línguas estrangeiras, como francês, espanhol, italiano e inglês.

A leitura desta poesia revela um “eu” digressivo, deambulante, de natureza sensível e reflexiva, por vezes imbuída de intenção crítica, atento a tudo ao que ao homem diz respeito, que umas vezes se interessa pelo real circundante, saltitando – dir-se-ia – ao acaso entre os diversos elementos que o compõem, outras se eleva às alturas da mais profunda meditação e vivência religiosa, aqui e ali estimuladas pela observação / contemplação da própria realidade.

Ora desfilam diante de nós objectos de uso diário, como uma mesa, um cinzeiro, um radiozito, um isqueiro, uma esferográfica, um par de óculos, um relógio ou uma jarra iluminando-se numa mesa; ora o olhar é atraído por um seixo rolado, umas pedrinhas da calçada, uma cadelinha, um gato, um rato anafado, uma lebre saltadora, uma vaca leiteira, um pardalito, umas ramagens de girassóis, umas abelhinhas atidas às vivas flores rubras duma sardineira, uma teia de aranha na parede esburacada, um melro inquieto e chilreante.

Melrinho fiel,

que cedo me visitas,

saltitando esvoaçante,

a cantarolar cantitos puros absolutos,

sílabas dum chão empedrado e turvo,

na antemanhã liberta das rosas:

Vou para filmar,

e idealizo uns planos picados

para acompanhar-te a divagação magnífica,

enquanto me deixas

por erva húmida, antes dum sol desconhecido. (p.177)

Aqui e ali deparam-se-nos situações e actores do quotidiano (um dos capítulos do livro intitula-se, significativamente, “Episódicos Circunstanciais”) que nos remetem, inapelavelmente, por analogia, para o universo poético de Cesário Verde: uma vizinha que perdeu o gato, um carteiro elogiando o presunto de Chaves, um contador da EDP nas suas demoradas leituras, um Conservador Municipal que abanca com a esposa a devorar um gelado, uma rapariguinha trabalhando num pub, um cobrador das quotas do CCS, um grupo de varredoras da Câmara Municipal, uma partida de estudantes do Liceu em viagem de finalistas a Espanha ...

Por vezes, todavia, como se lê num eloquente texto das pp. 136-137, impõem-se ao olhar do eu lírico espaços largos, amplos:

[...]

Uma saudade,

um chamamento

para lonjura,

montanha, ar,

lua, ribeira. (p.137)

Nesta linha surgem belos poemas como o seguinte, em que o expandir-se do espaço aparece associado ao sonho e à liberdade:

Aves divagam lonjuras,

pairam por cima da planura, enlevam-me,

desvanecem-se

para lá do ar voado,

deixando-me saudoso

do curso da sua deriva,

matéria antes sonhada. (p. 159)

Entre os espaços incluídos em vastos horizontes de observação merecem destaque cidades, vilas e outros lugares, cuja essência é transmitida com a já aludida parcimónia de expressão, constituindo exemplos paradigmáticos desse facto o capítulo VI, “Périplo Navegante” (pp. 21-33 e 37-40), e o capítulo

XIII, “Estações do Peregrino” (pp.139-143).

Detenhamo-nos, agora, em algumas composições alusivas à cidade do Sado e aos seus encantadores e celebrados arredores:

Setúbal: Desterro, refúgio, gozosa liberdade. (p.12)

Miradouro, Castelo de Palmela:

Sob fozoso sol, serena baía. (p.22)

Bonfim

mói calmas. (p.28)

Enquanto o Sado azula ondulações,

gaivotas bicam peixe à flor da água.

A amplo espaço abre-se o olhar

que à fera novidade vai. (p.83)

Largo de Jesus

à chuva dum Verão,

distanciando-se a

pequena mão

da menininha,

num aceno ao pai,

que resolve uns

pasmos estremecidos. (p.116)

Tarde descobri a Serra Arrábida,

onde está prà alma doce enlevo.

Tarde a descobri, mas ainda a tempo

de seu abraço gozar, divino enleio.

Branda me desfrute, íris dum mirar,

branda me enlace, sonho realidade,

brando me frua o seu frolido ar,

arqueada onda da saudade,

o meio-dia sem ocaço a clarear. (p. 167)

A já referida sobriedade de Ângelo Ochôa no uso de meios linguístico-literários está bem patente, por exemplo, na forma sábia como define a essência quer da obra dos muitos escritores por si lidos e meditados, quer da personalidade de outras importantes figuras sobre as quais paciente e amorosamente se debruça e cujo rasto é inquestionável no seu universo ideológico-estético.

Corroboram este meu ponto de vista alguns exemplos colhidos no poema “Nomes” (pp. 53-56), ao aludir, entre outros, a Junqueiro, Simone Weill, Antero, Juan Jamon Jiménez, Dante, Teresa d’Ávila, Carlos de Oliveira, Camões, Sophia, António Maria Lisboa, Ruy Bello, João XXIII, José Régio, Camilo Pessanha, Cesário, Afonso Duarte, Sebastião da Gama, Cecília Meireles, Júlio Resende.

O “diálogo” persistente com grandes nomes das letras e da cultura do nosso país, assim como de outras nações, deixou vestígios bem visíveis num número significativo de poemas em que a intertextualidade é de tal forma assumida e notória que, nos versos iniciais ou intercalares deles, o autor cita passos de vários escritores, que funcionam como fonte ou pedra de toque.

Limitamo-nos a indicar alguns exemplos:

‘Meus amigos, que desgraça nascer em Portugal.’ (p. 84)

(A. Nobre)

‘Sol nulo dos dias vãos,

cheios de lida e calma’ (p. 90)

(F. Pessoa)

‘Remorso comigo mesmo, Portugal.’ (p. 96)

(A. O’Neill)

‘Tiram ouro do nariz os poetas’ (p. 157)

(Manuel Bandeira)

‘Num sonho todo feito de incerteza,’ (p. 158)

(Antero)

‘Minha mesa de café.

Quero-lhe tanto, a garrida.

Toda da pedra brunida.

Que linda e fresca que é.’ (p. 158)

(Sá-Carneiro)

A vida, par por ternura:

‘A vida é feita de nadas

grandes serras paradas.’ (p. 159)

(Miguel Torga)

Não era o vulgar brilho da beleza,

era outra luz, era outra suavidade.’ (p. 159)

(Antero)

‘Sôbolos rios que vão

por Babilónia, me achei.’ (p.160)

(Camões)

*'Eu cantarei d'amor tão docemente,
em uns termos em si tão concertados,' (p.161)*

(Camões)

'Maravilha fatal da nossa Idade, irrompas Cavaleiro.' (p.162)

(Camões)

O poeta das fundas olheiras chorosas:

'Só, incessante, um som de flauta chora.' (p.163)

(Camilo Pessanha)

*'Aquele triste e leda madrugada,
enquanto houver no mundo saudade' (p.164)*

(Camões)

'... Dos largos males breve história...' (p.169)

(Diogo Bernardes)

Refira-se entre parênteses que dois poemas do livro constituem uma paráfrase literária, talvez melhor uma reescrita, de cantigas de amigo muito representativas da lírica trovadoresca:

Que choras, amiga,

à fonte fria? (p.163) (D. Dinis)

Sedia-m'en San Simion,

acercam-se-m'ondas,

grandes que son. (p.165) (Mendinho)

O "convívio" com outros escritores assume, aqui e ali, uma faceta mais explícita, através da nomeação, interpelação ou interrogação:

Manuel Maria:

Doída eternidade,

doído coração, és minha.

Zoilos, zarpai.

Abraça-me a Rainha. (p. 37)

Enquanto enrolo

com tabaco

a dita mortalha,

não fumo por ora

o fumável cigarro.

Já me fui fumando

a vida toda.

Por outras palavras

um tal Pessoa disse.

Morro-me instantes lentos,

devaneios.

No vagar de ir

a paisagens invisíveis.

Até que pare de subir a água

a poço da canção,

e chegue na final estação

o brinquedo coração. (p.41)

Tu outra vez, fatal Pessoa? (p. 61)

A mais pujante fonte de inspiração, o mais vigoroso núcleo de intertextualidade dos poemas de Ângelo Ochôa, e que o torna sobretudo um sólido poeta de estirpe religiosa e mística, é a Bíblia, particularmente o Novo Testamento, a par da voz de figuras relevantes da história da Igreja, como S. Francisco, Santa Clara de Assis e Santo António (os maiores vultos do Franciscanismo):

Francisco, António, Clara,

repeti

connosco

um canto

ao irmão sol,

à lua irmã,

às estrelas altas,

preclaras,

belas. (p. 145)

A sua obra de mais alto quilate, onde a linguagem poética mais se espraia, embora muito trabalhada, é exactamente a que se nutre da seiva místico-religiosa, aquela em que poesia se identifica com oração ou é veículo para a paz:

Poetar é rezar,

levar a céus e terra

versos magoados.

Amor é animada ciência

de ter Deus,

sentido para quem abrasa a só candura.

[...] (p. 86)

*Os sons enchem o poema,
moram dentro,
serenidade construtora;
entranhada pólvora para paz,
tudo fecundam;*

[...] (p. 74)

Ainda que ajude a suavizar «decepcionantes ilusões», «dias vãos», qualquer «vazio imenso borbulhante», o desalento de quem se senta em casa, parecendo-lhe «não haver mais nada a fazer do coração», ou à mesa do café se vê como um burocrata mobilizando fúrias – apesar deste lenitivo, ia eu a dizer –, poetar apenas adquire o seu verdadeiro e pleno significado quando é veículo de prece, contricção, fé e louvor dirigidos. Àqueles que constituem as pedras angulares do edifício que é a vida de alguém que se esforça, sem tréguas, apesar de todos os desânimos e lacunas, por ser um verdadeiro cristão.

E essas pedras angulares são Deus Pai, Jesus Cristo, Sua encarnação, a Virgem Maria e os santos ou outras figuras que, servindo de exemplo a outrem, interiorizaram e puseram em prática os exemplos d'Elas, de forma a evitarem a existência dos chamados «túmulos caídos»:

Jesus,

inspecciona-me a que ande sempre em Tua luz.

Volte de novo a comportar-me como menino.

Nada perca da graça que me dás.

Respire louvor minha oração de água corrente.

Cada gesto meu Te seja aprazível oblação.

[...] (p. 148)

Mãe, disses Te pra parar.

Repetidas vezes ouvi a linda voz que bem entendo;

mas reincidi teimando.

Cale agora o sussurro rouco, a confusão,

a turva inquietação, logro meu.

Soe simples louvor a Teu Silêncio Imenso.

Obediente paciente amiga, perdoa.

Recomece, determinado, a aprender morrendo. (p. 175)

Louvar a Deus é sinónimo de paz, vivência para a qual os poetas dão o seu inestimável contributo:

Os poetas pararam.

Ao mesmo tempo

tiveram a mesmíssima inspiração:

O ventinho que soprava

era a grande paz. (p.62)

Paz, fraternidade, harmonia e amor universais alcançar-se-ão, partilhando Deus como «um pai, única mãe», que «iluminará sorrisos em todos os meninos» (pp. 155-156).

Aliás, na poesia em apreço adquire lugar de relevo a infância, seja a de Jesus (p.131), como motivo de enlevo, seja a de uma «criança palestina fardada de kamikaze » (p.60), causa de indignação face à vileza de manipuladores, ou a do sujeito poético, pincelada em tons que oscilam entre a nostálgica recordação e o indelével encantamento:

A tardetodao avô contava histórias.

Aturdidos, ensonados, na infância dos sonhos,

devorávamos o mel à narrativa, que sempre concluía:

Ainda além vai a raposa, a correr a sete pés.

O avô apontava para um longe:

Meus olhos arregalavam-se

para o mais pra lá da abrasada varanda:

Eram montes sobre montes,

insolados, quentes, graves dorsos,

arrasando-os maravilhada aridez. (p.118)

As crianças assumem um papel tão significativo no universo do poeta que, na sua perspectiva, sempre que os homens omitirem Jesus, elas, na sua simplicidade e candura, Lhe proclamam bem alto a existência (p.129).

A fraternidade indissociável do verdadeiro espírito cristão não fica indiferente aos ensinamentos e exemplos divinos, em nome da dignificação dos homens e de uma crescente aproximação, paz e justiça entre eles:

O miolo do pão:

Bem se afadigam lavradores a sol escaldante

lançando na rasgada terra mínimas sementes.

Bem se dão incansáveis ceifeiras,

com golpes certos, à seara.

Malha-se na eira,

*destrinçando na palha loiras espigas
e nas loiras espigas precioso grão.
Mós remoem o que será terna farinha.
Afanam-se aclarando a noite empoados padeiros:
Amassadas, a forno levam fornadas e fornadas.
Inquietam-se motoristas e ajudantes:
Em carrinhas brancas trazem bênção à alta antemanhã.
Cuidam comerciantes em abrir portas
pra darem a dinheiro desejado pão.
Cristãos rezamos aO Pai para o pão quotidiano nos prover,
porém no planeta da fome produz-se armamento e falta o bem pedido.
Homem de boa vontade, olha o pão:
Quando o partires, julgues tu que ninguém ouve, diz obrigado.
Talvez por sorte coração magoado multiplique por mil o cereal grão
até aos irmãos desesperados,
recôndita alegria. (p.93)*

Seguindo esta mesma linha de pensamento, o sujeito poético proclama entusiasticamente:

*Na encruzilhada de todos os caminhos
estou eu com Deus esperando os irmãos para abraçar.
Desvairadas gentes, donde venhais, para onde vades, eu sou vosso,
com o coração posto no sangue redentor que vos envolve e me ama,
o sangue eucarístico que me alimenta os dias.
Estou na encruzilhada de todos os caminhos
para abraçar o irmão que vem - na luz do amor. (p. 181)*

Este poema justificaria, por si só, a sábia opinião expressa por Maria Alzira Seixo sobre o autor da produção poética em análise, se bem que a ilustre estudiosa não refira explicitamente os capitais fundamentos de natureza místico-religiosa da obra:

«O Ângelo Ochôa é um solitário solidário que, na sua poesia, abraça, com apertado abraço, o inteiro humano mundo, do qual nenhum aspecto se lhe afigura estranho ou despropositado» (contracapa).

Encontra-se, no livro do autor, um poema, cuja inspiração é colhida nas célebres redondilhas camonianas “Sôbolos rios que vão” e que consideramos fundamental na definição do seu ideário:

Programa eterno:

Da criatura amar o criador.

E ir da particular beleza para a beleza geral. (p. 186)

Ângelo Ochôa esboça até uma utopia, que, à luz do catolicismo, apresenta uma clara tonalidade heterodoxa:

*Quando o Reino de Deus chegar de vez,
os padres ficarão desempregados,
o Papa entreter-se-á
um tempo imenso*

a fazer bolinhas de sabão. (p. 56)

Mas não corramos o risco de, incautamente desenraizados da realidade, ficarmos de imediato a entrever o mundo inteligível, a ver aproximar-se a concretização do ideal e da utopia, indefinível e inalcançável por natureza, a não ser para um número restrito de eleitos; imaginemos apenas, por breves momentos, que num dia longínquo se alcançará o «novo mundo» (p.155) por que tanto anseia o poeta e tantos outros homens e que nele reinarão a harmonia, o encantamento e a ternura que impregnam o magnífico poema com cuja leitura vou terminar esta minha intervenção e que testemunha a pacificante vivência do amor, apesar de acontecido neste nosso mundo tangível e tão imperfeito:

Trouxeste sabor a mel a meus momentos desolados.

Devolveste-me ternura ao olhar magoado. Obrigado.

*Se algo te dei, em breve cambiar palavras, ou num jeito de atrapalhação,
guarda-o para ti, como eu guardo a graça que me deste, e nem sei dizer.*

Os passeios que dávamos, antes da doença a consumir-nos exaustos.

Ao repetir teu nome sei, trazido de volta,

o tempo das gloriosas primaveras.

Foi bom rever-te, agora que regressaste à cidade plana,

repleta com o eloquente azul do teu olhar,

por onde se entornou o vinho dos sonhos. (p.112)